

A dinâmica espacial das oficinas tipográficas paulistanas nos séculos XIX e XX

The spacial dynamics of São Paulo city letterpress printing shops in the 19th and 20th centuries

FABIO MARIANO CRUZ PEREIRA

<https://orcid.org/0000-0003-0757-072X>

Universidade de São Paulo / São Paulo, SP, Brasil

JADE SAMARA PIAIA

<https://orcid.org/0000-0003-0191-5141>

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Bauru, SP, Brasil.

PRISCILA FARIAS

<https://orcid.org/0000-0002-2540-770X>

Universidade de São Paulo / São Paulo, SP, Brasil

PEREIRA, Fabio Mariano Cruz; PIAIA, Jade Samara; FARIAS, Priscila. A dinâmica espacial das oficinas tipográficas paulistanas nos séculos XIX e XX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 32, p. 1-50, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-02672024v32e40>

RESUMO: A cidade de São Paulo passou por diversas modificações sociais, econômicas e políticas que impactaram o delineamento material do espaço urbano entre os séculos XIX e XX. As possibilidades de análise da cultura material nas relações comerciais que envolveram as empresas de impressão e o espaço urbano foram exploradas em um estudo minucioso e preciso sobre a localização das oficinas tipográficas. A partir dos dados obtidos por esse estudo, a localização e a movimentação das oficinas tipográficas paulistanas nas ruas de São Paulo nos primeiros cem anos de impressão com tipos móveis, entre 1827 e 1927, foi descrita e analisada. Os métodos de pesquisa envolveram a delimitação de um recorte espacial, a seleção de logradouros, a seleção de oficinas tipográficas e o cruzamento de informações advindas de um extenso *corpus* documental. Discutem-se as sucessões dessas empresas, considerando a divisão do trabalho entre escritórios e oficinas e suas relações comerciais com o entorno. Os resultados incluem o mapeamento das localizações de oito oficinas tipográficas que se destacam nesse recorte, seja pelo pioneirismo, pela atuação para comunidades imigrantes, pela impressão de importantes jornais ou pela sua longa duração.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço urbano. Cultura material. Cartografia. História da impressão. Impressão com tipos móveis.

ABSTRACT: The city of São Paulo underwent various social, economic and political changes that had an impact on the material delineation of urban space between the 19th and 20th centuries. The possibilities of analysing material culture in the commercial relationships that involved printing companies and the urban space were explored in a detailed and precise survey on the location of letterpress printing shops. From the data gathered in this survey the localization and the movement of São Paulo letterpress printing shops among the city streets in the first hundred years of printing with movable metal type, between 1827 and 1927, was described and analysed. The research methods involved the delimitation of spatial boundaries, selection of streets, selection of letterpress printing shops and cross-referencing of information from an extensive corpus of documents. The succession of these companies is discussed, taking into account the division of labour between offices and printing shops and the commercial relations with their surroundings. The results include the mapping of the locations of eight letterpress printing shops that stood out in this context, whether for their pioneering role, for their work for immigrant communities, for the printing of important newspapers or for their long existence.

KEYWORDS: Urban space. Material culture. Cartography. Printing history. Letterpress printing.

INTRODUÇÃO

Durante os primeiros cem anos de impressão com tipos móveis (1827-1927), a cidade de São Paulo passou por diversas modificações sociais, econômicas e políticas que impactaram o delineamento material do espaço urbano. Um marco importante foi destacado pelo arquiteto Hugo Segawa¹ quando se referiu às contribuições de João Teodoro Xavier, presidente da província de São Paulo entre 1872 e 1875. Nesse período, foram executadas obras de melhorias na região alagadiça da 25 de Março, no antigo Morro do Carmo, nas Ruas do Pari (atual Monsenhor Andrade), do Gasômetro e no Jardim da Luz. Foram abertas as Ruas do Hospício (atual Frederico Alvarenga), Cond'Eu (atual Glicério), João Teodoro e 7 de Abril. Antes disso, a cidade não havia testemunhado grandes modificações e, portanto, a gestão de João Teodoro Xavier rapidamente se mostrou pioneira nas intervenções urbanas no período pré-republicano, antevendo a potencialidade de crescimento da cidade.

A região central à qual Segawa se refere, conhecida como “triângulo histórico”, caracterizou-se a partir da instauração do regime republicano, tendo sido delimitada pelo encontro de três importantes vias: Rua Direita, Rua São Bento² e Rua 15 de Novembro.³ Essas ruas delimitavam a região comercial mais efervescente na cidade durante o fim do século XIX.

Entre 1889 e 1900, as áreas funcionais começam a aparecer mais nitidamente. O centro, com o tradicional triângulo formado pelas Ruas Direita, XV de Novembro e São Bento é crescentemente movimentado pelos setores comercial e financeiro, afastando as moradias que ainda ali existiam para bairros mais estritamente residenciais, cuja diferenciação também vai ocorrendo segundo o nível econômico-social de seus moradores.⁴

Todas essas mudanças contribuíram para a criação de novos artefatos, mobilizando uma crescente demanda pela produção manufatureira e por serviços de importação. Artefatos gráficos podem ser entendidos como elementos mediadores de práticas sociais, concebidos a partir de decisões técnicas e assimilados de formas diversas. O comportamento social pode ser afetado diretamente pelas características intrínsecas presentes nos artefatos e também por seus diferentes contextos de uso. A relevância da cultura material para o estudo do cotidiano social é enfatizada na obra da arqueóloga estadunidense Barbara Little (1992), que analisou antigos maquinários de impressão visando compreender como sistemas de produção de impressos se relacionam com a padronização, a segmentação e a individualização no desenvolvimento histórico do capitalismo.

Uma das oficinas tipográficas que rapidamente se adaptou ao aumento da demanda por impressos na cidade de São Paulo foi a *Typographia Ao Livro Verde*, de Jorge Seckler, que em 1882 anunciava operar com maquinário a vapor. O uso

1. Segawa (2004, p. 344-345).

2. Durante um curto período, entre 1897 e 1899, as Ruas Direita e São Bento foram nomeadas, respectivamente, Marechal Floriano Peixoto e Coronel Moreira César, por decisão da Câmara Municipal, tendo como base a Resolução nº 82 de 12/03/1897. Disponível em: <https://bit.ly/4gk6apm>. Acesso em: 31 jan. 2024.

3. Originalmente Rua do Rosário, em referência à abertura da antiga Igreja do Rosário dos Homens Pretos, em 1715, que se localizava na atual Praça Antonio Prado. Em 1846, o nome foi alterado para Rua da Imperatriz, depois da visita da família imperial e em homenagem a D. Teresa Cristina, esposa do então imperador Pedro II. A denominação 15 de Novembro surgiu apenas após a Proclamação da República, em 1889. Disponível em: <https://is.gd/eRWdYH>. Acesso em: 16 mar. 2024.

4. Queiroz (2004, p. 23).

5. Iumatti (2016).

6. O autor provavelmente se refere a empresas como Typographia do Braz (Rua do Gasômetro), Typographia de Carlos Jeep & C. e Typographia Adolpho (ambas na Brigadeiro Tobias), ou à oficina de gravação de José Maria Bouças (Rua do Brás, atual Avenida Rangel Pestana). Disponível em: <https://labvisual.fau.usp.br/tipografiapaulistana/empresas/listagem>. Acesso em: 12 ago. 2024.

7. Nessa plataforma, encontram-se reunidos não apenas os nomes de oficinas identificadas, os dados georreferenciados e agentes envolvidos com impressão, mas também os impressos produzidos por essas oficinas e o repertório tipográfico que se encontrava sob o seu domínio. No momento da redação deste artigo, os dados reunidos na plataforma somavam um total de 317 estabelecimentos relacionados às atividades de impressão (tipografias, litografias, gravadores, fornecedores de tipos etc.). Disponível em: <https://www.fau.usp.br/tipografiapaulistana/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

8. Barbuy (2006, p. 253).

desse maquinário requeria, naquele momento, um local adequado para instalação, conforme o Código de Posturas de 1875 que incorporava prerrogativas da medicina higiênica e determinava, no Capítulo VI (Das Fábricas, Oficinas, Curtumes e Outras, Art. 102), a proibição de estabelecimentos fabris movidos à vapor na área central da cidade sob multa de “30\$ e 8 dias de prisão” (Câmara Municipal de São Paulo, 1875).

Isso indica que, em meados da década de 1870, máquinas a vapor eram comuns no centro da cidade a ponto de preocupar as autoridades sanitárias municipais. Desse modo, os primeiros Códigos de Postura (Câmara Municipal de São Paulo, 1875 e 1886) podem ser considerados elementos importantes na configuração da paisagem urbana e industrial de São Paulo, pois forçaram, em certa medida, o deslocamento de oficinas para além do centro comercial da cidade.

Para o historiador Paulo Iumatti,⁵ o deslocamento das gráficas da região central para bairros mais periféricos não decorreu apenas do crescimento acelerado da cidade, mas foi motivado também pela necessidade de espaços mais amplos que pudessem comportar maquinários de maior porte. E isso aponta para um processo de mecanização e especialização que já vinha se estabelecendo desde fins do século XIX, quando algumas empresas de impressão⁶ já haviam instalado suas oficinas em ruas como a Brigadeiro Tobias e Rua do Brás (atual Avenida Rangel Pestana).

Tais deslocamentos foram objeto de análise no presente estudo, que buscou identificar e descrever a dinâmica espacial das oficinas tipográficas nas ruas de São Paulo durante os primeiros cem anos de impressão na cidade (1827 a 1927). Para isso, foram utilizados dados obtidos, inicialmente, por pesquisas realizadas no LabVisual (Laboratório de Pesquisa em Design Visual) da FAU-USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo), cujos resultados se encontram disponíveis na plataforma *Tipografia Paulistana*,⁷ e complementados, posteriormente, com outras fontes documentais.

Os procedimentos metodológicos adotados envolveram a delimitação de uma área geográfica central da cidade, a seleção de logradouros e, posteriormente, a seleção de oficinas tipográficas consideradas relevantes para a história da impressão na cidade. O cruzamento de informações advindas de diferentes fontes resultou na identificação da localização geográfica de oito importantes oficinas tipográficas.

A determinação da localização exata onde funcionaram antigos estabelecimentos comerciais não é, porém, trivial, uma vez que as nomenclaturas dos logradouros da cidade de São Paulo foram modificadas em diversos momentos. Além disso, houve também alterações de numeração nos estabelecimentos e ainda uma sequência de grandes mudanças na malha urbana. A historiadora Heloisa Barbuy⁸ destacou esse problema quando estudou os estabelecimentos comerciais das ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro entre os anos 1860 e 1914. Segundo a autora, houve dois importantes momentos que influenciaram a numeração de imóveis nas ruas de São Paulo, a primeira por volta de 1886 e 1887, possivelmente em decorrên-

cia do Código de Posturas de 1886, e depois, em 1936, quando “passou-se a definir a numeração pela distância em metros em relação a um marco inicial”⁹.

Em contraponto a tais dificuldades, a análise da distribuição geográfica dos estabelecimentos comerciais e fabris pode fornecer subsídios importantes para um melhor entendimento sobre onde eram exercidas atividades de impressão e suas possíveis relações com o crescimento da cidade. Este estudo se justifica, assim, pelo ineditismo de uma análise geográfica minuciosa e precisa, com recorte temporal abrangente e que envolve o caso das oficinas tipográficas paulistanas.

A cartografia como fonte para o estudo de antigos estabelecimentos comerciais e industriais

A determinação da área urbana onde atuou a maior parte das oficinas tipográficas partiu de um levantamento preliminar, por meio do qual foram identificados os nomes e endereços de diversas oficinas tipográficas atuantes em São Paulo entre o século XIX e início do século XX, seus proprietários e endereços. O levantamento foi realizado a partir do cruzamento de informações encontradas em diferentes fontes documentais, entre elas almanaques comerciais, anúncios, impressos institucionais, fotografias da cidade, registros cartográficos, o portal Dicionário de Ruas,¹⁰ além de uma bibliografia especializada na história do livro e da impressão no Brasil.¹¹

Em um esforço similar, nos anos 1970, o professor do Departamento de Tipografia e Comunicação Gráfica da Universidade de Reading (Inglaterra), Michael Twyman, analisou o padrão de crescimento dos estabelecimentos de impressão litográfica na cidade de Londres durante a primeira metade do século XIX. Para isso, Twyman (1976) partiu da análise de um levantamento anterior realizado pelo professor William Todd. A lista organizada por Todd baseava-se em registros históricos resultantes de um ato oficial publicado em 1799 que obrigava proprietários de oficinas de impressão, fundidores, abridores ou comerciantes de tipos a declarar o endereço onde atuavam. Twyman percebeu que nem todos os proprietários de estabelecimentos litográficos oitocentistas haviam declarado a existência de seus estabelecimentos, concluindo que a lista de Todd deveria estar incompleta. Desse modo, analisou diversas outras fontes documentais que ajudaram a fornecer um panorama mais preciso sobre as oficinas litográficas de Londres, localizando seus endereços em mapas da época.¹²

O uso de informações geográficas em pesquisas históricas voltadas à memória gráfica foi objeto de estudo conjunto das pesquisadoras da área de design brasileiras Priscila Farias e Daniela Hanns com a britânica Catherine Dixon.¹³ No artigo, as autoras trazem uma revisão de estudos sobre cultura da impressão que fizeram uso de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), combinando diferentes

9. Barbuy (2006, p. 254).

10. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

11. Por exemplo: Freitas (1915), Rizzini (1977), Se-meraro e Airoso (1979), Vi-torino (2000), Hallewell (2005), Ipanema (2008) e Martins (2008).

12. Twyman (1976).

13. Farias, Hanns e Dixon (2016).

14. Disponível em: <http://atlas.lib.uiowa.edu/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

15. *Historical Atlas of Canada, The Printed Word, 1752-1900*. Disponível em: <https://is.gd/XCTqXJ>. Acesso em: 16 mar. 2024.

16. Deaecto (2011).

17. Disponível em: <https://is.gd/jRsnVS>. Acesso em: 16 mar. 2024.

camadas de informação com dados espaciais e temporais. As plataformas examinadas pelas autoras incluem o *Atlas of Early Printing* criado por Greg Prickman, chefe de coleções especiais e arquivos universitários na Biblioteca da Universidade de Iowa (EUA) e disponibilizada desde 2013,¹⁴ uma plataforma interativa projetada como ferramenta de ensino sobre a impressão na Europa na segunda metade do século XV; bem como exemplos de plataformas com propósitos similares no Canadá¹⁵ e na Bulgária. Segundo as autoras, iniciativas como essas contribuem para a construção de uma história da cultura impressa e visual mais detalhada e complexa. Um conhecimento mais profundo acerca das redes de circulação de impressos, impressores/tipógrafos e estilos tipográficos é proporcionado pela representação de dados relativos à localização de informações históricas em mapas, em particular em mapas digitais e interativos, que permitem a observação de padrões e tendências que de outra forma seriam difíceis de observar.

A historiadora Marisa Deaecto¹⁶ também se utilizou da cartografia para gerar visualizações relacionadas a instituições voltadas à leitura. Abordou a transmissão da linguagem escrita e o crescimento do campo editorial ao investigar as práticas de leitura na São Paulo oitocentista. Ao cruzar dados relativos à demografia e urbanização paulistana com o quantitativo de espaços de leitura e circulação de obras impressas, a autora se valeu do uso de mapas para localizar diversas associações e sociedades civis, instituições de ensino, bibliotecas, lojas de livros, oficinas tipográficas, encadernadoras, jornais e periódicos. Deaecto analisou a expansão e a configuração das coleções das bibliotecas paulistanas entre 1825 e 1905 e destacou a contribuição de personagens históricos, como o livreiro francês Anatole Louis Garraux, e os catálogos de impressos comercializados na cidade. Também analisou a expansão das livrarias e das oficinas tipográficas na segunda metade do século XIX, fornecendo importante contribuição para a história da produção de livros.

Em sua tese de doutorado sobre história da impressão no Pará no século XIX, a designer Fernanda Martins (2017) também utilizou mapas, desenvolvidos para elucidar a dinâmica do surgimento e desaparecimento de oficinas tipográficas em Belém entre 1820 e 1910. Superando o desafio de identificar com precisão o local de funcionamento dos estabelecimentos em uma malha urbana que sofreu modificações ao longo do tempo, Martins conseguiu verificar alterações na nomenclatura e titularidade de empresas que eventualmente permaneceram no mesmo endereço, bem como uma gradual dispersão espacial, acompanhando a expansão da cidade.

Outras duas iniciativas brasileiras que se basearam no uso de mapas para estudos urbanos históricos são a plataforma desenvolvida pela equipe de pesquisa ligada ao projeto *Pauliceia 2.0: uma plataforma espaço-temporal para Humanidades Digitais*, e a plataforma *GeoSampa*.¹⁷ A primeira, coordenada pelo historiador e professor Luis Ferla, objetiva auxiliar na recuperação da história de São Paulo

durante o período de modernização urbana e industrial ocorrida entre 1870 e 1940.¹⁸ A segunda, disponibilizada e mantida pela Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, propõe um instrumento de acesso a informações sobre o zoneamento da cidade de São Paulo a partir de imagens obtidas em processo de aerofotogrametria realizadas entre 1828 e 1933.

CORPUS DOCUMENTAL

Para realização deste estudo, foram analisadas diferentes fontes documentais, com informações sobre a localização geográfica das oficinas tipográficas. A escolha pela diversidade de fontes visou atenuar a imprecisão de dados, uma vez que recuperar a localização física de antigos estabelecimentos paulistanos pressupõe compreender em certa medida a dinâmica complexa de mudanças no ambiente construído da cidade.

Os documentos analisados compreendem anúncios de oficinas tipográficas, papéis timbrados, almanaques comerciais, etiquetas de livros em branco, fotografias e documentos cartográficos.

Anúncios de oficinas tipográficas

Os anúncios analisados foram encontrados em periódicos publicados na província e no estado de São Paulo nos séculos XIX e XX, depositados no acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo (Apesp). Foram selecionados apenas anúncios de oficinas tipográficas em que constavam informações sobre os endereços dos seus escritórios e/ou oficinas.

O anúncio, enquanto fonte documental de pesquisa, tem por característica a datação precisa, que coincide com a data de publicação do periódico que o veiculou (Figura 1). Além disso, pode-se dizer que as informações de endereço são precisas, uma vez que se supõe terem sido autorizadas sob interesses comerciais: dificilmente, um anunciante pagaria por um anúncio que contivesse erros nos endereços divulgados. Tal pressuposto, baseado no interesse comercial, e que dá aos anúncios alguma vantagem enquanto fontes históricas, deve ser relativizado, pois entende-se que as dinâmicas estabelecidas em relações comerciais são próprias de cada época. Além disso, outros documentos também fornecem informações presumivelmente precisas — por exemplo, papéis timbrados de oficinas tipográficas, cujas informações foram diagramadas e impressas pela própria empresa. Reforça-se, assim, a importância do cruzamento de informações advindas de diferentes fontes, cada qual com suas particularidades.

19. Pereira e Farias (2019, p. 173-174).

20. Camargo (1983, p. 9-10).



Figura 1 - Anúncio da oficina tipográfica Duprat & C., funcionando na Rua Direita, n. 14. *Fiat Lux*, n. 4, 1902, p. 4. Apesp.

Papéis timbrados

Os papéis timbrados são notas comerciais que descrevem os serviços realizados por oficinas tipográficas, com informações sobre clientes, serviços prestados, valores pagos e empresas envolvidas. Algum tipo de identificação era geralmente impressa no topo desses documentos, com elementos visuais relacionados à oficina envolvida, fornecendo informações como nome comercial, composição societária, serviços oferecidos e endereços¹⁹ (Figura 2).



Figura 2 - Detalhe do topo de papel timbrado da Companhia Industrial de S. Paulo, sucessora de Jorge Seckler, 1900. Acervo Histórico da Escola Politécnica, sediado no Arquivo Geral da USP.

Almanaques comerciais

Os almanaques comerciais podem ser considerados fontes de importante valor documental. Os que foram impressos na cidade de São Paulo nos séculos XIX e XX estão hoje, em grande parte, dispersos, revelando um problema já apontado pela historiadora Ana Maria Camargo em 1983. Para a autora, os almanaques, ao contrário dos livros, pertencem a um gênero de publicação mais próximo dos periódicos, tais como jornais, folhinhas, calendários etc., o que tornou difícil sua preservação e também as tentativas de inventário.²⁰

A socióloga Maria Coleta Oliveira (2001) destacou a importância desses almanaques enquanto fontes documentais para os estudos históricos, capazes

de fornecer um vasto panorama das atividades comerciais e industriais realizadas em São Paulo, além de permitir estudos sobre a heterogeneidade social que permeou a economia cafeeira paulista.²¹

Os almanaques, bem como catálogos de fontes tipográficas, foram estudados por pesquisadores ligados à rede de pesquisa Memória Gráfica Brasileira²² para melhor compreender a cultura de impressão no Brasil. Tais estudos levantaram dados como nomes e endereços de oficinas tipográficas, fundidores de tipos, gravadores, abridores de letras etc., além de amostras dos próprios tipos usados para a composição e impressão desses documentos.²³

Etiquetas de livros em branco

Livros em branco, usados na maior parte das vezes para auxiliar atividades administrativas e contábeis, foram comuns no Brasil durante os séculos XIX e XX. Os livros em branco eram volumes encadernados constituídos por folhas pautadas e às vezes tabelas, que permitiam o preenchimento manuscrito de informações. Eles eram identificados por um número que designava o modelo do livro (correspondia ao tipo de configuração das pautas ou tabelas disponíveis). O número do modelo e a quantidade de páginas eram normalmente informados manualmente sobre uma etiqueta impressa que identificava a oficina que confeccionou e encadernou o volume. Em muitas etiquetas, além do nome da oficina, é possível encontrar também informações sobre a composição societária, endereços e os serviços oferecidos. As etiquetas eram coladas sobre a primeira guarda do livro (2ª capa), para serem vistas assim que o livro fosse aberto²⁴ (Figura 3). Etiquetas desse tipo encontram-se dispersas em diversos acervos, especialmente os de caráter arquivístico, a exemplo do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo (AHMSP).



Figura 3 - Etiqueta da oficina tipográfica a vapor de Jorge Seckler & C., colada em livro em branco, sd. Apesp.

21. Oliveira (2001, p. 23-24).

22. Disponível em: <http://labvisual.fau.usp.br/grupo.php?id=8>. Acesso em: 16 mar. 2024.

23. Farias, Aragão e Cunha Lima (2012).

24. Pereira e Farias (2019, p. 171-172).

Fotografias

Importante fonte documental para diversos campos de pesquisa, a fotografia tem contribuído tanto nos estudos sobre a história *da* fotografia quanto nos estudos de história *através da* fotografia. Essa distinção foi enfatizada pelo fotógrafo e historiador Boris Kossoy (2012) quando descreveu duas importantes funções da fotografia enquanto fonte documental: a fotografia como *objeto* de pesquisa e a fotografia como *instrumento* de pesquisa. A respeito desta última função, o autor explica que:

As imagens que contenham um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos específicos nas áreas da arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, história social e demais ramos do saber, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural.²⁵

As fotografias analisadas durante a realização do estudo, em sua maioria depositadas no Museu da Cidade de São Paulo (MCSP), foram usadas como fontes de informações visuais que forneceram, com certa precisão, um testemunho do espaço urbano nos séculos XIX e XX. Foram identificadas numerações de casas em trechos de ruas, pontos de referência geográfica, fachadas de estabelecimentos comerciais e industriais e outros dados relevantes para a identificação e localização das oficinas no ambiente urbano (Figura 4).



Figura 4 - Antiga Igreja da Sé, com detalhe da fachada da Livraria e Papelaria Garraux no canto esquerdo. Militão, *Álbum Comparativo*, 1862. Acervo do Museu Paulista-USP.

Documentos cartográficos

A cidade de São Paulo foi muitas vezes representada por meio de mapas com diversas finalidades, que iam desde propostas de análise das áreas comerciais até levantamentos censitários. Foram encontradas plantas com a representação da cidade

dos anos 1841, 1842, 1847, 1855, 1868, 1877, 1881, 1890, 1895, 1897, 1905, 1913, 1916 e 1924 e que fazem parte do álbum *São Paulo Antigo: Plantas da Cidade*, publicado em 1954 por ocasião das comemorações do 4º Centenário da cidade de São Paulo e hoje depositado no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo (AHMSP) (Campos, 2008). Também foi localizada, no acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (MP-USP), dentro da coleção João Baptista de Campos Aguirra, a *Planta Cadastral e Comercial da Cidade de São Paulo* dos editores Thomas & Cia., que apresenta a distribuição da sequência numérica nos logradouros da região central da cidade, presumivelmente produzido no início da década de 1910.²⁶

A sequência de mapas produzidos em diferentes períodos demonstra o espraçamento da cidade ligado ao crescimento demográfico que se acentuou na última década do século XIX.²⁷ A região central sofreu forte adensamento, ao passo que bairros periféricos permaneceram pouco detalhados. Conforme os mapas vão se tornando mais recentes, a quantidade de informações cresce e as dificuldades de organização visual dessas informações tornam-se mais nítidas (Figura 5).

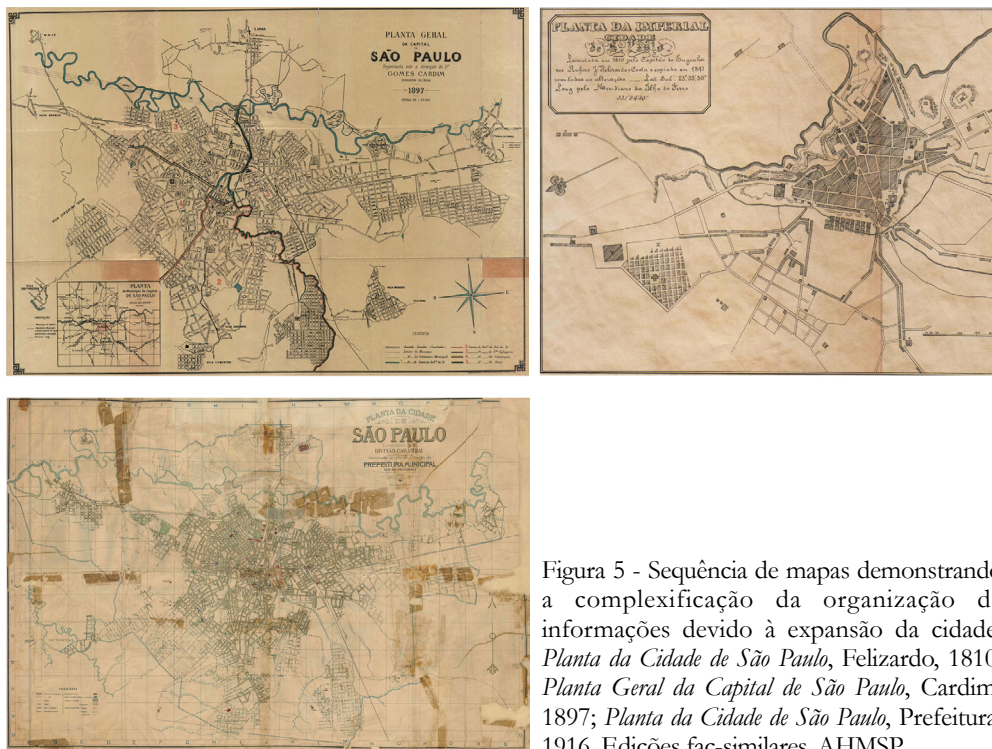


Figura 5 - Sequência de mapas demonstrando a complexificação da organização de informações devido à expansão da cidade. *Planta da Cidade de São Paulo*, Felizardo, 1810; *Planta Geral da Capital de São Paulo*, Cardim, 1897; *Planta da Cidade de São Paulo*, Prefeitura, 1916. Edições fac-similares. AHMSP.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos de pesquisa adotados no presente estudo podem ser divididos em três etapas: delimitação de recorte espacial, seleção de oficinas tipográficas relevantes e identificação da localização das oficinas selecionadas.

26. Embora o Museu Paulista não identifique a data dessa planta, é possível presumir que ela seja posterior ao início da década de 1910, pois indica o Theatro São José quando este já estava estabelecido em seu segundo endereço (próximo ao Viaduto do Chá) para onde foi transferido, em 1909, após funcionar no Largo de São Gonçalo (atual Praça Dr. João Mendes). A planta indica também o Theatro Municipal, cuja construção se deu entre 1908 e 1911 (Amado, 2016, p. 250).

27. Em apenas uma década, a população da cidade praticamente quadruplicou, saltando de 64.934 habitantes para 241.935. As políticas imigratórias contribuíram fortemente para esse aumento (Queiroz, 2004, p. 21).

28. São eles: Rua São Bento, Rua da Quitanda, Rua Riachuelo, Rua 25 de Março, Rua 7 de Abril, Rua Santa Ifigênia, Rua Dr. Falcão, Largo 7 de Setembro, Rua Boa Vista, Rua de São José (atual Líbero Badaró), Rua do Comércio (atual Álvares Penteado), Rua da Imperatriz (atual 15 de Novembro), Rua do Ouvidor (atual José Bonifácio), Rua Direita (que entre 1897 e 1899 foi Marechal Floriano Peixoto), Travessa da Caixa d'Água (atual Barão de Paranapiacaba), Rua das Flores (atual Silveira Martins), Rua da Constituição (atual Florêncio de Abreu), Rua de São João (atual Avenida São João), Rua do Rosário (atual João Brícola), Rua Alegre (atual Brigadeiro Tobias), Ladeira de São Francisco (atual Rua de São Francisco), Rua do Brás (atual Avenida Rangel Pestana), Rua General Couto de Magalhães (atual Conde de São Joaquim), Rua do Quartel (atual 11 de Agosto), antigo Palácio do Governo (localização do atual Pátio do Colégio), e o conjunto Largo da Sé, Rua da Esperança e Rua Marechal Deodoro (posteriormente incorporada à atual Praça da Sé).

29. Edição facsimilar. AHMSP.

30. Disponível em: <https://is.gd/RM1e11>. Acesso em: 16 mar. 2024.

Delimitação de recorte espacial

Os dados disponíveis na plataforma *Tipografia Paulistana* permitiram selecionar um recorte espacial formado pelo conjunto de logradouros que, entre 1827 e 1927, abrigaram ao menos cinco oficinas tipográficas diferentes ou que abrigaram pelo menos uma oficina tipográfica considerada notável (isto é, que existiu por mais de uma década; ou que foi importante para alguma comunidade imigrante, por exemplo a alemã; ou que imprimiu jornal de grande circulação, por exemplo o *Correio Paulistano*).

A partir desses critérios, foram selecionados 28 logradouros,²⁸ posteriormente identificados sobre a *Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira de Esgotos, 1881*²⁹ (Figura 6), delimitando uma área urbana que corresponde ao recorte espacial analisado, abrangendo tanto a região central da cidade quanto bairros então considerados periféricos.



Figura 6 - Delimitação de recorte espacial com distribuição de oficinas tipográficas na área central e em bairros periféricos. *Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira de Esgotos, 1881*, edição facsimilar. AHMSP.

A posição dos lotes foi estimada a partir do Mapa Cadastral e Comercial da Cidade de São Paulo produzido pelos editores Thomaz & Cia., de c.1910, hoje custodiado pelo Museu Paulista dentro da coleção João Baptista de Campos Aguirra. Esse mapa apresenta a região central da cidade de São Paulo com numeração estimada dos lotes.³⁰

Localizar oficinas tipográficas em logradouros de um mapa de 1881 (Figura 6) tendo como referência a numeração de rua de um mapa produzido na década de 1910 envolve admitir um certo grau de imprecisão, uma vez que as numerações dos imóveis (e, em alguns casos, as próprias ruas) sofreram alterações ao longo do tempo. Essa imprecisão, porém, não impediu a delimitação, ainda que a grosso modo, da região onde a maior parte das oficinas tipográficas paulistanas esteve localizada ao longo dos cem primeiros anos do setor, iniciados em 1827. Os limites dessa região podem, e até devem, ser relativizados, especialmente em casos de ruas com maior extensão e que avançam para fora do principal eixo comercial, como por exemplo, a Rua de São João (atual Avenida São João), a Rua Santa Ifigênia, a Rua Alegre (atual Brigadeiro Tobias), e a Rua do Brás (atual Avenida Rangel Pestana).

Seleção de oficinas tipográficas relevantes

A partir da definição do recorte geográfico, que destaca a região central da cidade, além de algumas poucas ruas nos bairros Brás, Luz, Santa Ifigênia e Água Branca, foram selecionadas oito oficinas tipográficas consideradas relevantes para a história da tipografia paulistana. Para isso, foram utilizados os seguintes critérios: pioneirismo na impressão com tipos móveis, produção de periódico de grande circulação, relação com comunidades imigrantes, relação com a administração pública, e tempo de atuação (Tabela 1).

Tabela 1 - Oficinas tipográficas selecionadas, relevância e endereços

Oficina tipográfica	Relevância	Endereços encontrados
Typographia d'O Farol Paulistano (1827-1835)	Primeira oficina tipográfica na cidade de São Paulo.	1827-1835: R. Nova de São José (atual Líbero Badaró) n. 33
Typographia Imparcial de Marques & Irmão (1854-1888)	Oficina tipográfica da segunda metade do século XIX, que imprimiu o importante jornal <i>Correio Paulistano</i> .	1854: R. Nova de São José (atual Líbero Badaró) n. 47 1854: R. do Imperador (atual Praça da Sé) n. 1 1855-1860: R. do Ouvidor (atual José Bonifácio) n. 46 1860-1863: R. do Rosário (atual João Bricola) n. 49 1863: R. da Imperatriz (atual Quinze de Novembro) n. 49 1866-1878: R. da Imperatriz (atual Quinze de Novembro) n. 27 1884: R. das Flores (atual Silveira Martins) 1887-1888: R. do Imperador (atual Praça da Sé) n. 10

Oficina tipográfica	Relevância	Endereços encontrados
Typographia Allemã (1863-1876)	Oficina tipográfica e litográfica fundada pelo alemão Henrique Schroeder, tendo publicado diversos periódicos na segunda metade do século XIX.	1863-1865: R. Direita n. 15 1865: R. Direita n. 32 1865-1867: R. Direita n. 26 1869: R. do Commercio (atual Álvares Pentead) n. 31 1871-1876: R. do Commercio (atual Álvares Pentead) n. 2
Typographia Ao Livro Verde (1862-1890)	Empresa fundada por Jorge Seckler na segunda metade do século XIX. Os almanaques editados por Seckler tornaram-se referência para o estudo do comércio oitocentista de São Paulo.	1862: R. do Ouvidor (atual José Bonifácio) n. 43 1863: R. do Ouvidor (atual José Bonifácio) n. 21 1865: R. São Bento n. 58 1866: R. da Imperatriz (atual Quinze de Novembro) n. 60 1871: R. Direita n. 30 1871-1883: R. Direita n. 15 Oficina 1882-1883: R. 25 de Março n. 2 1883-1890: R. 25 de Março n. 38 e 40
Companhia Industrial de São Paulo (1890-1902)	Empresa que sucedeu aquela de Jorge Seckler, atuando durante a passagem do século XIX para o século XX.	Escritório 1890-1900: R. Direita n. 14 1892-1894: R. 15 de Novembro n. 29 Oficina 1890-1901: R. 25 de Março n. 38 e 42 1902: R. 25 de Março n. 40
Typographia Hennies Irmãos (1891-1927+)	Oficina tipográfica fundada pelos imigrantes alemães Heinrich Hennies e Theodor Hennies em 1891 e que se manteve ativa por cerca de cem anos.	1891-1892: R. dos Immigrantes (atual José Paulino) n. 48 1893: R. da Esperança (atual Praça da Sé) n. 15 1892-1905: R. da Caixa d'Água (atual Barão de Paranapiacaba) n. 1C (1-D e 1-F) 1905-1927+: R. Riachuelo n. 14 e 16 (posteriormente renumerados para n. 86 e 90)
Typographia do Diario Oficial (1891-1927+)	Oficina criada na última década do século XIX para atender à demanda de publicações ligadas à administração pública do recém instaurado regime republicano.	1891-1895: Largo 7 de Setembro 1895: R. do Quartel (atual 11 de Agosto) n. 23 1896-1914: R. do Quartel (atual 11 de Agosto) n. 21 1916-1927+: R. 11 de Agosto (antiga do Quartel) n. 37

Oficina tipográfica	Relevância	Endereços encontrados
Duprat & C. (1902-1927+)	Empresa sucessora da Companhia Industrial de São Paulo, fundada por seu ex-contador, Raymundo Duprat, que mais tarde se tornaria prefeito de São Paulo e Barão de Duprat.	Escritório 1902:1909: R. Direita n. 14 1910-1913: R. Direita n. 26 1915: R. Direita n. 8 1916-1927+: R. de São Bento (atual Rua São Bento) n. 21 Oficina e depósito 1902: R. Rangel Pestana (atual Av. Rangel Pestana) n. 201 1903-1909: R. 25 de Março n. 40 1910: R. 25 de Março n. 76 e 78 1911: R. 25 de Março n. 76 1913-1920: R. 25 de Março n. 86

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

O tempo de existência de cada uma das oficinas selecionadas pode ser melhor visualizado quando esses dados são reunidos em uma linha do tempo (Figura 7).

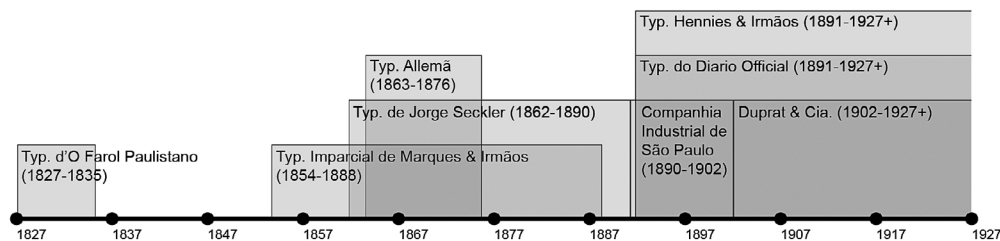


Figura 7 - Linha do tempo comparando o tempo de existência de cada uma das oficinas selecionadas. Produzido pelos autores.

Identificação da localização das oficinas selecionadas

Identificar a posição exata de antigos estabelecimentos gráficos nas ruas de São Paulo constituiu o maior desafio do estudo aqui apresentado. São poucos os mapas que indicam a numeração dos lotes nos logradouros e, além disso, tanto os nomes das ruas quanto a numeração dos imóveis, como já mencionado, sofreram mudanças ao longo do tempo.

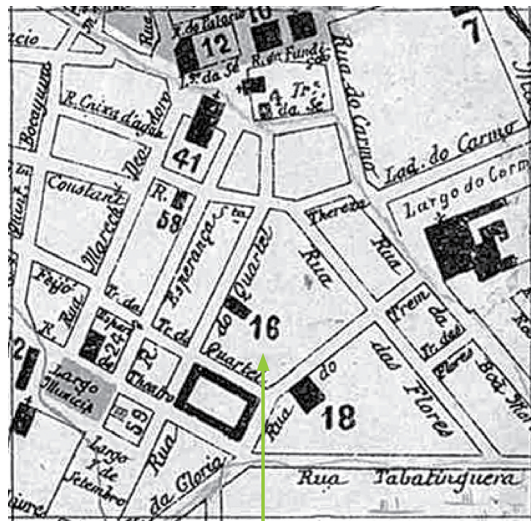
Para minimizar esse impasse, alguns procedimentos metodológicos foram criados e implementados: (A) identificação dos estabelecimentos indicados graficamente nos documentos cartográficos analisados; (B) criação de uma “tabela de esquinas”; (C) identificação de vestígios materiais em registros fotográficos; e (D) cotejamento com dados bibliográficos.

31. A partir de 1895, a Typographia do Diario Official funcionou no mesmo endereço do Tribunal do Jury.

32. Disponível em: <https://is.gd/hPmCiD>. Acesso em: 16 mar. 2024.

A) Identificação dos estabelecimentos indicados graficamente nos documentos cartográficos analisados

As instituições públicas e privadas graficamente destacadas nos mapas consultados, tais como igrejas, hospitais, teatros e fábricas, foram identificadas. Em seguida, foram recuperados dados de endereço (logradouro e número) dessas mesmas instituições, a partir de fontes como almanaques e jornais do período. Por exemplo, tendo-se a informação de que o Tribunal do Jury, em 1896, funcionava nos números 21 e 23 da Rua do Quartel (atual 11 de Agosto),³¹ e tendo-se também a indicação gráfica deste Tribunal no mapa produzido no mesmo período, foi possível estimar a posição dos demais números da Rua (Figuras 8 e 9). Localizando-se precisamente um dos números do logradouro, os números vizinhos podem ser estimados com maior segurança. Assim, quanto maior o número de imóveis com numeração confirmada em um mesmo logradouro e período, mais precisa é a estimativa da numeração e posição dos imóveis ainda não confirmados.



16 Tribunal do Jury e Diario Official.

Tribunal do Jury
Funciona na Capital no Forum, **rua do Quartel, 21 e 23;**
nas demais Comarcas em uma sala da Camara Municipal.
Este tribunal presidido pelo juiz de direito, compôr-se-á
de 12 juizes de facto (jurados) sorteados entre os cidadãos
qualificados eleitores.

Figura 9 - Trecho do *Almanak Historico-Litterario do Estado de São Paulo*, 1896, p. 400,³² indicando a numeração do Tribunal do Jury no logradouro. FBN.

Alguns dos mapas consultados trazem a indicação do endereço de oficinas tipográficas proeminentes do período, não havendo, portanto, a necessidade de estimar a posição da oficina no logradouro (Figura 10).



Figura 10 - Indicação do endereço da Typographia Allemã na Rua da Imperatriz, na legenda e em trecho da *Planta da Cidade de São Paulo*, 1868, edição facsimilar. AHMSP.

B) Criação de uma “tabela de esquinas”

A assim denominada “tabela de esquinas” é uma tabela em que foram combinados pelo menos três tipos de informação encontrados em anúncios: o nome de algum logradouro, o número de algum estabelecimento localizado no mesmo logradouro, e alguma referência a elementos materiais da cidade que ainda hoje são possíveis de se identificar, por exemplo uma esquina (Figura 11).

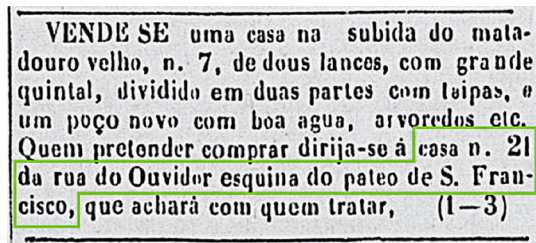


Figura 11 - Anúncio publicado no *Correio Paulistano* de 20 de dezembro de 1859, p. 4,³³ relacionando o número 21 da Rua do Ouvidor (atual José Bonifácio) com a esquina do Pátio de São Francisco. FBN.

Desse modo, com um mapa em mãos, torna-se possível estimar a posição aproximada do número 21 da antiga Rua do Ouvidor (atual José Bonifácio) (Figura 12).



Figura 12 - Indicação aproximada (em verde) do número 21 da antiga Rua do Ouvidor (atual José Bonifácio), na esquina do Pátio de São Francisco, na *Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira e Esgotos*, 1881, edição facsimilar. AHMSP.

34. Disponível em: Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional. Acesso em: 16 jan. 2024.

35. A combinação entre o nome do logradouro e a palavra esquina foi inserida entre aspas, determinando uma busca por combinação exata de palavras.

Algumas das principais informações obtidas na criação da tabela de esquinas estão exemplificadas por décadas na Tabela 2.

Tabela 2 - Exemplos de endereços referenciados na “tabela de esquinas”

Ano	Logradouro	Nº	Referência física	Fonte
1838	R. de São José (atual Líbero Badaró)	10	Esquina com R. do Ouvidor	<i>A Phenix</i> , 30/5/1838, p. 4
1858	R. do Imperador	4	Esquina com R. de Santa Thereza (atual Roberto Simonsen)	<i>Correio Paulistano</i> , 30/9/1858, p. 4
1863	R. Direita	26	Esquina com R. do Comercio (atual Álvares Penteadó)	<i>Correio Paulistano</i> , 5/3/1863, p. 4
1876	R. do Quartel (atual 11 de Agosto)	28	Esquina R. do Theatro (incorporada à atual Praça da Sé)	<i>Correio Paulistano</i> , 20/6/1876, p. 3
1880	R. do Ouvidor	44	Esquina com Largo de São Francisco	<i>Jornal da Tarde</i> , 15/7/1880, p. 3
1894	R. Quinze de Novembro	46	Esquina com R. Boa Vista n.1	<i>Correio Paulistano</i> , 13/12/1894, p. 3
1905	R. Rangel Pestana (atual Av. Rangel Pestana)	64	Esquina com R. Caetano Pinto	<i>Correio Paulistano</i> , 17/12/1905, p. 3
1913	R. Boa Vista	48	Esquina com Ladeira Porto Geral	<i>Correio Paulistano</i> , 2/10/1913, p. 7
1927	R. São Bento	2	Esquina com R. José Bonifácio	<i>O Combate</i> , 23/2/1927, p. 5

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

As informações reunidas na “tabela de esquinas” foram obtidas a partir de consultas realizadas na plataforma *Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional* (FBN).³⁴ As buscas foram realizadas com argumentos compostos por “nome do logradouro” acrescido da palavra “esquina”.³⁵ Era prioritário, portanto, ter em mãos a lista com os endereços das oficinas tipográficas selecionadas na etapa anterior. A maioria dos resultados retornados, com indicação das esquinas mais próximas a certos números de logradouro, veio de textos de anúncios comerciais.

C) Identificação de vestígios materiais em registros fotográficos

Como já visto, para Kossoy (2012, p. 38-39), documentos fotográficos fornecem um testemunho material de uma cena fotografada. Desse modo, servem aos estudos da cultura material ao registrar fragmentos da materialidade de uma época. Para os estudos sobre a distribuição de oficinas tipográficas na malha urbana, as fotografias capturadas durante o século XIX e primeiras décadas do século XX permitiram identificar:

- fachadas de oficinas tipográficas e, por conseguinte, sua localização (aproximada ou exata) no logradouro onde estavam estabelecidas;
- vestígios de edifícios que ainda hoje podem ser encontrados;
- numeração de algumas casas;
- elementos visuais que compõem o aspecto urbano, econômico e social da cidade, como carroças para transporte de produtos, vendedores ambulantes, lojas e vitrines, roupas, iluminação e transporte público, estabelecimentos comerciais e industriais.

Assim, para se obter, por exemplo, a localização exata do escritório da oficina tipográfica Casa Duprat na Rua Direita, n. 8,³⁶ foi suficiente analisar detidamente uma fotografia de Aurélio Beccherini produzida no centro da cidade de São Paulo entre 1914 e 1916 (Figura 13). O edifício vizinho à antiga Casa Duprat ainda pode ser encontrado na Rua Direita (edifício com fachada vermelha).



Figura 13 - Rua Direita, Aurélio Beccherini, 1914-1916 (MCSP); comparação entre o detalhe da fotografia de Beccherini e a vista atual do trecho, 2024 (foto dos autores); Identificação da Casa Duprat na *Planta da Cidade de São Paulo* da Companhia Cantareira e Esgotos, 1881, edição facsiliar. AHMSP.

36. Endereço obtido em timbre da Casa Duprat impresso sobre nota de serviços prestados à Repartição de Estatística e Arquivo em 30 de abril de 1916. Arquivo Público do Estado de São Paulo (Apesp), fundo Estatística e Arquivo.

37. A indicação do sentido da rua aparece no próprio álbum, na parte inferior da página, com a frase: "Rua da Imperatriz. (Antiga do Rosário, lado do Pateo da Sé)", indicando tratar-se da vista para o Largo da Sé.

38. Barbuy (2006, p. 254).

Assim, foi possível constatar que o escritório da antiga Casa Duprat, estabelecida, em 1915, na Rua Direita, n. 8, ocupava o lugar onde, em 2024, viria a sediar uma unidade da farmácia Drogasil, na altura do número 64.

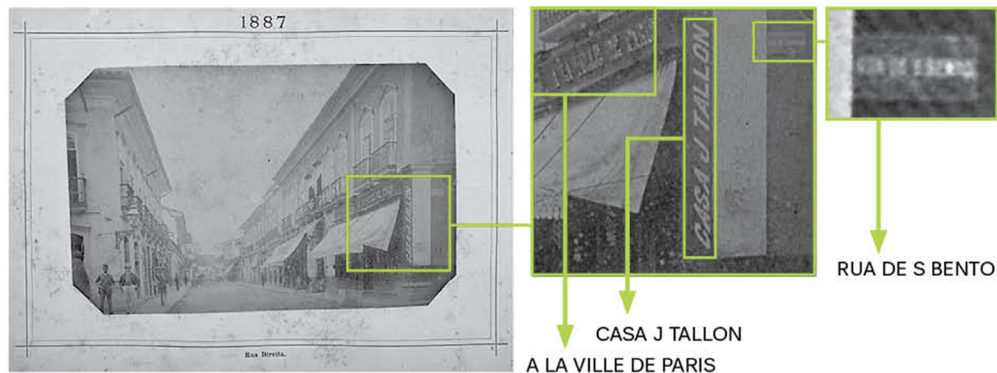
Os documentos fotográficos também podem indicar a numeração dos imóveis. Um exemplo é a fotografia de Militão Augusto de Azevedo no 2º Álbum Comparativo de 1887, que registra um trecho da Rua da Imperatriz (atual 15 de Novembro) no sentido do Largo da Sé³⁷ (Figura 14). Na fachada do depósito de calçados, em plano médio, é possível visualizar o número 17, permitindo, assim, estimar a posição de imóveis com numeração adjacente —por exemplo, o número 27, onde funcionou a Typographia Imparcial de Marques & Irmão entre 1866 e 1878.



Figura 14 - Rua da Imperatriz (atual 15 de Novembro), Militão de Azevedo, 1887. MP USP; detalhe do n. 17, próximo à Typographia Imparcial que, entre 1866 e 1878, funcionou no n. 27. *Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira e Esgotos*, 1881, edição facsimilar. AHMSP.

Importante destacar que, segundo Barbuy (2006), tanto a Rua 15 de Novembro (antiga da Imperatriz) quanto a Rua Direita “sofreram, a partir de 1886, uma inversão entre lados pares e ímpares. Isto é: partindo-se do Largo da Sé em direção à Rua São Bento, o lado à esquerda – que era par –, tornou-se ímpar e vice-versa”³⁸. Esse dado confirma a direção da fotografia com vista para o sentido da Sé, em 1887, quando o lado direito já havia se tornado ímpar.

Por fim, os documentos fotográficos também forneceram evidências sobre a numeração de imóveis a partir da identificação de pontos comerciais importantes. Os registros fotográficos de Augusto Militão em seu *Álbum Comparativo* forneceram dados visuais precisos sobre a Rua Direita em 1887. No lado direito da foto apresentada na Figura 15, por exemplo, é possível identificar a Casa Tallon, ao lado da esquina com a Rua de São Bento (indicação na placa afixada à edificação). Ao cruzar esses dados com informações obtidas no *Almanach Administrativo, Industrial e Commercial da Província de São Paulo para 1887*, de Jorge Seckler, foi possível recuperar a numeração da Casa Tallon (n. 51). Assim, sabendo-se que o número 51 da Rua Direita se encontrava na esquina com a Rua de São Bento em 1887, é possível estimar a posição de imóveis com números adjacentes naquele período, como, por exemplo, o imóvel com número 14, provavelmente mais próximo ao Largo da Sé, onde funcionou o escritório da oficina tipográfica Companhia Industrial de S. Paulo entre os anos 1890 e 1900 (Figura 15).



Costuras e modas

Achilles Oppenheim & Comp., (Casa Tallon), *A La Ville de Paris*, rua Direita, 51.

Antonio Rafael Baptista, *Au Palais Royal*, rua da Imperatriz, 37.

Antonio Aguiar & Comp., *A Notre Dame de Paris*, rua da Imperatriz 41, Notb. pag. 12.



Figura 15 - Rua Direita, Militão, 1887. MP USP; menção à Casa Tallon no *Almanach Administrativo, Industrial e Commercial para 1887*, p. 212. FBN; esquina da Rua Direita com a de São Bento (onde ficava o n. 51 da Rua Direita) sobre a *Planta da Cidade de São Paulo* de 1881, edição facsimilar. AHMSP.

D) Cotejamento com dados bibliográficos

O cruzamento entre dados obtidos nas fontes primárias analisadas com aqueles encontrados na bibliografia especializada em história da tipografia no Brasil permitiu tanto determinar mais precisamente algumas localizações de oficinas tipográficas quanto obter elementos-chave para o entendimento da dinâmica de mudanças de endereços dessas empresas. Um caso relevante é o da *Typographia do Diário Oficial* (na época, *Typographia do Estado*), que, segundo o historiador Ricardo Maranhão (1994), entre 1891 e 1895, funcionou no Largo 7 de Setembro, nos fundos da antiga Igreja de Nossa Senhora dos Remédios.³⁹ Tendo-se a indicação da posição da Igreja nos documentos cartográficos analisados, foi possível presumir o local onde a oficina esteve instalada.

Há casos, porém, em que os nomes dos logradouros foram alterados, bem como a distribuição da numeração dos imóveis. Há casos ainda em que logradouros inteiros foram completamente modificados, tendo sido reduzidos, ampliados ou incorporados a intervenções de maior porte, como a construção de largos ou praças. Portanto, nem todos os endereços onde funcionaram as oficinas tipográficas selecionadas puderam ser identificados com precisão. Nesses casos, a delimitação de uma área aproximada dentro de um quarteirão foi considerada satisfatória.

RESULTADOS: A LOCALIZAÇÃO DAS OFICINAS TIPOGRÁFICAS PAULISTANAS ENTRE 1827 E 1927

A localização original das oito oficinas tipográficas selecionadas para o estudo aqui apresentado, e suas respectivas mudanças de endereços, foram indicadas sobre versão digital de um mapa da região central de São Paulo. Essa versão digital do mapa contendo as localizações das oficinas tipográficas foi elaborada a partir da *Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira de Esgotos*, 1881,⁴⁰ que teve como engenheiro chefe Henry B. Joyner, e traz os desenhos dos loteamentos na região central. Embora a planta não apresente a numeração de logradouro dos imóveis, a indicação dos lotes e áreas construídas permitiu inferir a posição dos números nos logradouros. Desse modo, pode-se visualizar as localizações das oficinas tipográficas e o fluxo de mudanças ocorridas entre 1827 e 1927 (Figura 16).

No **Anexo A**, encontra-se uma sequência de mapas com demonstração do movimento das oficinas nos endereços da região central da cidade. Ao observá-los, algumas dinâmicas comerciais e históricas, como sucessões, separações entre escritório e oficina, e relações com o entorno puderam ser observadas.

A) Sucessões

Alguns endereços foram ocupados por diferentes oficinas tipográficas em diferentes momentos, o que parece ter sido motivado, na maioria das vezes, pelas sucessões. A sucessão de uma oficina tipográfica por outra envolvia a comodidade de um maquinário já instalado, um fluxo de atividades já definido no chão de fábrica e ainda a facilidade em manter, por meio de um endereço já conhecido, relações com clientes firmados.

Uma sequência de sucessões pode ser observada a partir de um caso particular que teve início com a oficina de encadernação de Hermann Knoesel, adquirida por Jorge Seckler em 1862. Mesmo após a sucessão, a oficina permaneceu na mesma Rua do Ouvidor (atual José Bonifácio) n. 43. Em 1891, a empresa de Seckler havia passado a atuar como oficina tipográfica e se encontrava instalada em 2 endereços (escritório na Rua Direita e oficina na 25 de Março). Foi sucedida pela Companhia Industrial de S. Paulo em 1890, e esta, por sua vez, pela Duprat & Cia., em 1902.

Os custos de uma sucessão envolviam certamente a produção de novos impressos destinados a divulgar os novos proprietários. A Duprat & C., durante os primeiros anos após a sucessão da Companhia Industrial de S. Paulo, manteve as mesmas informações de serviços e endereços contidos nas etiquetas da antiga empresa, imprimindo nome na nova firma societária sobre impressos já existentes (Figura 17). Mesmo quando iniciou, anos mais tarde, a produção de etiquetas próprias, a Duprat optou por manter a mesma numeração usada pela Companhia Industrial de S. Paulo para identificar os diferentes modelos de livro em branco ainda disponíveis (Figura 18).



Figura 17 - Etiqueta da Companhia Industrial de S. Paulo com sobreposição impressa do nome da sucessora Duprat & Comp. A etiqueta foi localizada em um caderno sem data, cujas primeiras anotações foram realizadas em 1909, isto é, sete anos após a sucessão da Duprat & C. Acervo do Cartório Santa Cecília.



Figura 18 - Etiqueta da Duprat & Comp. fixada em livro em branco que começou a ser usado em 1910. Destaque para o aviso de conservação da mesma numeração adotada pela antiga Companhia Industrial de S. Paulo, sucedida em 1902. Apesp.

41. Cesarino e Caldana Junior (2017, p. 126).

42. Cardoso (1996, p. 62-65).

43. Cardoso (1996, p. 68-69).

Esse comportamento revela a importância da comunicação estabelecida entre as oficinas tipográficas e seus clientes por meio de informações impressas, que descreviam desde a particularidade dos produtos e serviços oferecidos até a localização física das empresas.

B) Separações entre escritório e oficina

A separação entre escritório e oficina demonstrou ser algo mais comum a partir do fim do século XIX, momento em que as obras de retificação do Rio Tamanduateí começaram a ser planejadas na região alagadiça (atual região do Parque Dom Pedro II) que ficava defronte ao antigo Mercado dos Caipiras. A Rua 25 de Março, antiga Rua de Baixo, que se beneficiava com a proximidade da estrada de ferro Santos-Jundiaí e ainda dispunha um mercado e um porto para transporte fluvial de mercadorias, mostrava-se adequada à instalação de estabelecimentos comerciais.⁴¹ Além disso, por se tratar de uma região aberta e ventilada, que favorecia a dispersão de vapores industriais, e, não muito distante da região central, mostrava-se atrativa para a instalação de oficinas movidas a vapor.

Separar atividades administrativas do chão de fábrica aponta para uma divisão social do trabalho problematizada, no campo do design, pelo historiador Rafael Cardoso.⁴² O autor, estudando a situação dos então chamados “desenhadores” na produção manufatureira britânica, destacou que a identidade social desses profissionais se alterou de modo significativo durante a segunda metade do século XIX, migrando de uma condição operária para uma condição de profissional autônomo e liberal, um fenômeno que foi motivado em grande parte pelas políticas relacionadas ao ensino artístico e profissionalizante. O autor destaca também que, no Brasil, essa divisão assumiu contornos próprios, colocando os embriões dos designers, ou desenhadores, em posições intermediárias dentro da indústria, transitando entre funções de planejamento e execução.⁴³

44. Disponível em: <https://labvisual.fau.usp.br/tipografiapaulistana/empresa/12>. Acesso em 12 ago. 2024.

45. Pereira e Farias (2019, p. 171-172).

Seckler era conhecedor das atividades relacionadas à impressão e encadernação, pois havia sido aprendiz na Typographia Allemã de Henrique Schroeder na década de 1850.⁴⁴ Posteriormente, já na condição de proprietário de oficina tipográfica, desfrutava da vantagem de conhecer tanto as atividades administrativas quanto as operacionais relacionadas ao ramo. Essa condição certamente o colocava a par das adaptações necessárias ao cumprimento das obrigações municipais sem prejuízo de sua produção. Não à toa, a mudança da oficina de Seckler para a Rua 25 de Março ocorreu em 1882, mesmo ano em que seu estabelecimento passou a anunciar o uso de máquinas a vapor. Como já comentado, vigorava nesse período o Código de Posturas de 1875 que determinava que as fábricas ou oficinas movidas a vapor deveriam se estabelecer fora dos limites da cidade ou em imóveis inteiramente isolados de outros (Câmara Municipal de São Paulo, 1875). Essa atenção para com as determinações legais demonstra a diligência com que o negócio era mantido. Portanto, a decisão de atuar em dois endereços simultaneamente (escritório e oficina) aponta para uma estratégia acertada de Seckler. A despeito dos custos implicados nessa decisão, ao menos duas vantagens podem ser identificadas: de um lado, a transferência da oficina para a 25 de Março atendia às exigências sanitárias municipais; e de outro, a permanência na região central de um escritório de representação, em pleno triângulo comercial, sustentava relações já firmadas com antigos clientes.

C) Relações com o entorno

A região central da cidade de São Paulo reuniu, durante décadas, grande parte dos escritórios e estabelecimentos comerciais da cidade, movimentando a economia local. Os livros em branco eram produzidos em oficinas de encadernação e também em oficinas tipográficas durante o século XIX e começo do século XX, visando atender à demanda de atividades administrativas e contábeis do período⁴⁵ em diversos setores, de igrejas a órgãos públicos.

As instituições identificadas nos documentos cartográficos mais antigos são formadas majoritariamente por igrejas. Órgãos oficiais e estabelecimentos fabris e comerciais parecem ter se tornado mais comuns nos mapas analisados a partir do último quarto do século XIX. Tal percepção, porém, não é precisa, pois pode revelar mais sobre os editores dos mapas do que sobre o perfil das instituições existentes na cidade. A proximidade das oficinas tipográficas com órgãos que demandavam serviços de impressão pode revelar indícios de como seus endereços eram decididos. Uma instituição que se destaca no histórico das oficinas analisadas é a Academia de Direito, no Largo São Francisco (hoje Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo). A primeira oficina paulistana (Typographia d'O Farol Paulistano) foi fundada por agentes ligados a essa Academia (Amaral, 1977, p. 367-369). Sua localização, na Rua Nova de São José (atual Líbero Badaró), possibilitava acesso fácil às instala-

ções da instituição de ensino. Outras instituições indicadas nos mapas são igrejas,⁴⁶ colégios,⁴⁷ teatros,⁴⁸ órgãos oficiais,⁴⁹ redações de jornais⁵⁰ e oficinas de gravura,⁵¹ todas inseridas no triângulo histórico ou em seus arredores.

Typographia do Farol Paulistano

A primeira oficina tipográfica paulistana teve origem em 1827, por iniciativa do advogado José da Costa Carvalho, futuro marquês de Monte Alegre. A oficina dispunha de uma prensa de madeira que, segundo o memorialista Affonso de Freitas, permitia a impressão de apenas “25 exemplares por hora ou 225 por dia de 9 horas de trabalho”⁵². Nela foi produzido o primeiro jornal impresso da província de São Paulo, *O Farol Paulistano* (1827-1831) (Figura 19).

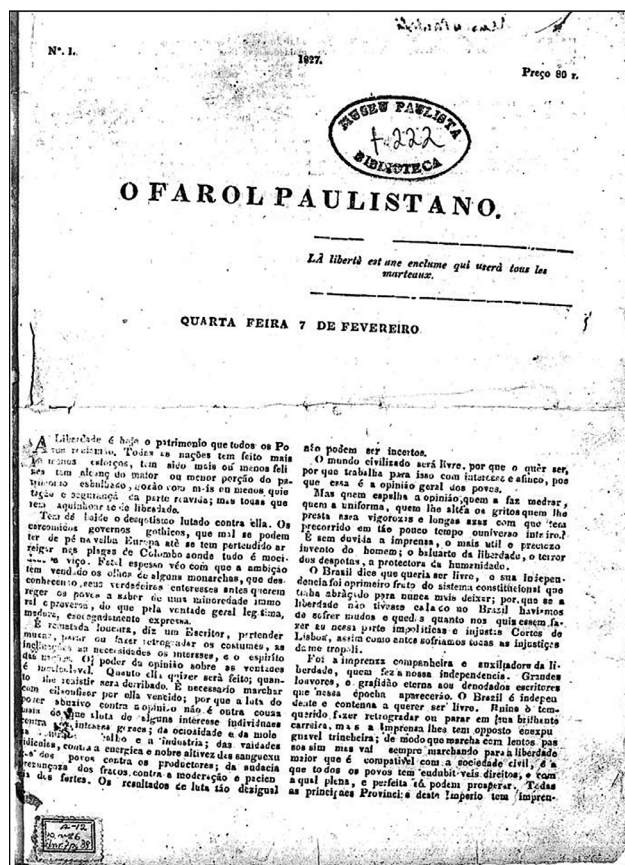


Figura 19 - Primeira página do jornal *O Farol Paulistano*, primeiro jornal impresso na cidade e na província de São Paulo, 1827. FBN.

A oficina foi instalada na Rua Nova de S. José (atual Líbero Badaró), n. 33, com acesso à Academia de Direito no sentido sul, ao Largo de São Bento no sentido norte, e ao Largo da Sé no sentido leste. Permaneceu no mesmo endereço até ser adquirida, em 1835, pelo governo provincial.⁵³

46. Por exemplo, a Catedral da Sé, o Convento da Ordem 3ª do Carmo, e as Igrejas de S. Bento, de S. Antonio, de S. Gonçalo, de N. S. dos Remédios e de N. S. do Rosário.

47. Por exemplo, os Colégios Alemão, União, Americano, Pestana, Ypiranga e os Liceus Alemão e do Sagrado Coração.

48. Por exemplo, os Teatros São José, Municipal e, mais tarde, o Teatro São Pedro.

49. Por exemplo, o Palácio do Governo e o Palácio do Tesouro, e, mais tarde, com a república, as secretarias do Interior, da Justiça e o da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

50. Por exemplo, as redações dos jornais *Ypiranga*, *Correio Paulistano* e *Provincia de S. Paulo*.

51. Por exemplo, Litografia Imperial, Typ. Allemã, Estabelecimento Graphico V. Steidel & C. e Weiszflog & Irmãos.

52. Freitas (1928, p. 20). Sobre os antecedentes da implantação da primeira tipografia em São Paulo, ver também Ipanema (2008).

53. Disponível em: <https://labvisual.fau.usp.br/tipografiapaulistana/empresa/1>. Acesso em 12 ago. 2024.

54. Disponível em: <https://labvisual.fau.usp.br/tipografiapaulistana/empresa/10>. Acesso em 12 ago. 2024.

55. Camargo (1983, p. 7).

Typographia Imparcial de Marques & Irmão

Joaquim Roberto de Azevedo Marques fundou, em 1854, a Typographia Imparcial, depois de suceder a antiga Typographia Liberal, da qual também foi proprietário. A Typographia Imparcial, em seu primeiro ano, iniciou a impressão daquele que viria a se tornar um dos mais importantes periódicos paulistanos da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, o *Correio Paulistano*.⁵⁴ A oficina foi pioneira, na cidade de São Paulo, na impressão de almanaques comerciais, ao publicar o *Almanak administrativo, mercantil, e industrial da Província de S. Paulo para o anno de 1857*.⁵⁵

Entre as oficinas analisadas, pode-se dizer que a Typographia Imparcial de Marques & Irmão foi aquela que mais mudou de endereço, contabilizando um total de sete mudanças entre 1854 e 1888. Todos esses endereços se localizavam, porém, na região central da cidade, como se pode constatar na Figura 20.

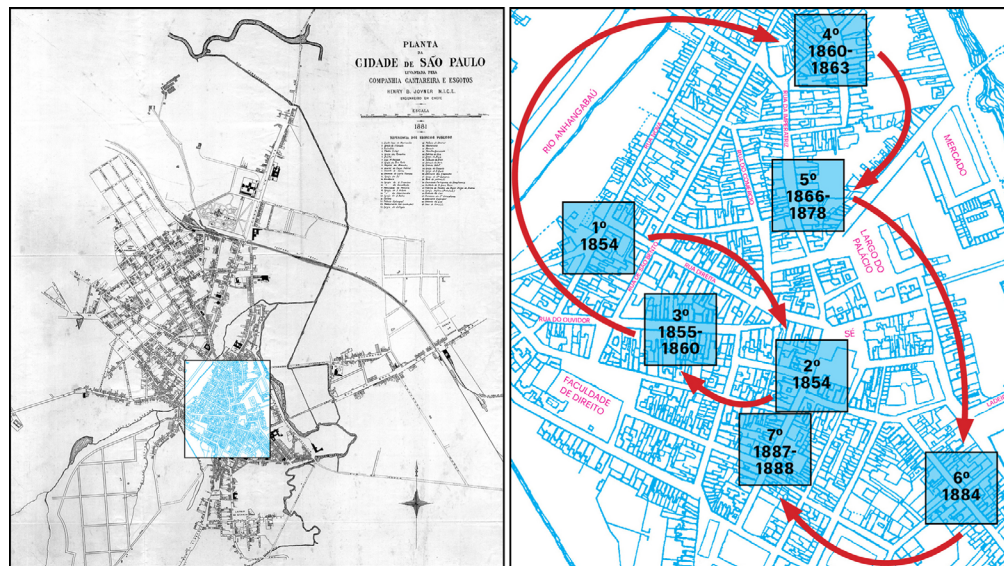


Figura 20 - Endereços da Typographia Imparcial de Marques & Irmão na região central de São Paulo (1854-1888). Detalhe da versão digital da planta elaborada com base na *Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira e Esgotos*, 1881, edição facsimilar. AHMSP.

O endereço onde a oficina permaneceu por mais tempo foi na Rua da Imperatriz, n. 49 e depois n. 27 (atual 15 de Novembro, trecho aproximado entre as esquinas da Rua 3 de Dezembro e General Carneiro), e onde permaneceu por menos tempo foi no começo de suas atividades, na Rua Nova de São José, n. 47 (atual Líbero Badaró, altura da esquina com a Rua Direita). Uma consulta às edições do *Correio Paulistano* (edições de 26 de junho e 24 de julho de 1854) revelou que a oficina permaneceu menos de um mês no primeiro endereço, transferindo-se logo para a Rua do Imperador (atual Praça da Sé), mais próxima da antiga catedral da Sé e do

Palácio do Governo. Isso indica que o jornal foi possivelmente inaugurado durante um período de transição de endereços sem que isso afetasse as publicações que eram diárias (exceto aos domingos). O registro da oficina na Câmara Municipal, em atendimento ao artigo 303 do capítulo 8 do Código Criminal do Império, somente aconteceu em 1 de setembro de 1854 (Câmara Municipal de São Paulo, 1831), cerca de dois meses após a mudança para a Rua do Imperador.

56. Disponível em: <https://labvisual.fau.usp.br/tipografia/paulistana/empresa/31>. Acesso em: 12 ago. 2024.

57. Para mais sobre Agostini, ver: Oliveira (2006).

Typographia Allemã

A Typographia Allemã iniciou suas atividades em 1863, tendo publicado importantes periódicos durante a segunda metade do século XIX em São Paulo. Oferecia serviços de impressão com tipos móveis e litografia,⁵⁶ destacando-se a publicação do periódico *Diabo-Coxo*, com gravuras do artista gráfico italiano Angelo Agostini.⁵⁷ O primeiro número do *Diabo-Coxo* orientava os leitores a realizar assinatura ou remeter artigos e desenhos à redação por meio da Livraria do Sr. M. da Cunha, localizada na Rua Direita, mesma rua da Oficina (Figura 21).

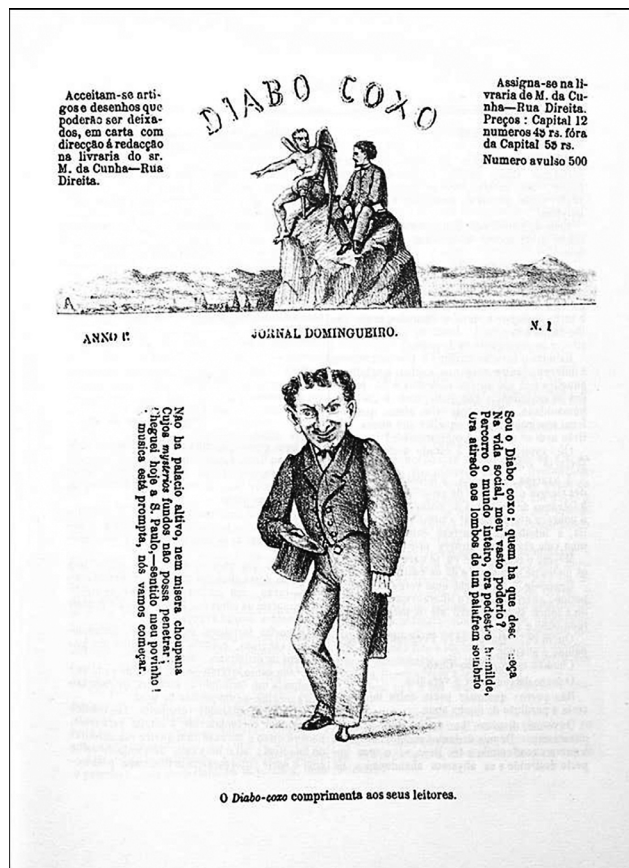


Figura 21 - Primeiro número do *Diabo-Coxo*, 1864. FBN.

58. Essa localização exata da Typographia Allemã encontra-se indicada na *Planta da Cidade de São Paulo*, 1868, edição facsimilar. AH-MSP (ver Figura 10).

Depois de atuar na Rua Direita, n. 15 (mesmo endereço que mais tarde seria ocupado pela Typographia Ao Livro Verde), a Typographia Allemã realizou duas importantes mudanças de endereço: quando se transferiu, no fim da década de 1860, para a Rua do Commercio (atual Álvares Penteados), n. 31,⁵⁸ instalando-se em frente à antiga Botica Allemã, que ficava no número 36, e no mesmo quarteirão da Igreja da Misericórdia. Por volta de 1871, a oficina se estabeleceu no número 2 da mesma rua, mais próxima do Largo do Chafariz (atual Largo da Misericórdia, no encontro entre as ruas Direita e Quintino Bocaiúva). A localização poderia ser considerada privilegiada por estar inserida no triângulo histórico, próxima à catedral da Sé e do Palácio do Governo, com acesso fácil à Academia de Direito pela Rua do Ouvidor (atual José Bonifácio).

Typographia Ao Livro Verde

Em 1862, o imigrante alemão Jorge Seckler adquiriu a oficina de encadernação do também imigrante alemão Hermann Knoesel, localizada na Rua do Ouvidor (atual José Bonifácio), n. 43. Seckler permaneceu no mesmo endereço, oferecendo serviços de encadernação, importação e confecção de livros em branco, e se transferiu, um ano depois, para o n. 21 da mesma rua, quando adotou o nome comercial “Ao Livro Verde”. Em 1865, transferiu-se para a Rua de São Bento, n. 58, e, no ano seguinte, para a Rua da Imperatriz (atual 15 de Novembro), n. 60.

O trabalho de impressão com tipos móveis parece ter sido iniciado apenas no fim da década de 1860, quando passou a anunciar serviços de impressão de cartões de visita e de casamento (Figura 22).

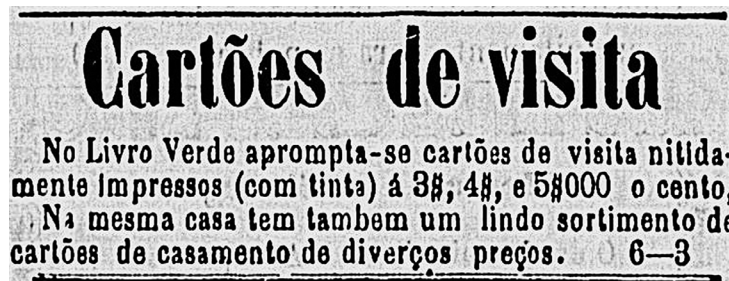


Figura 22 - Anúncio do estabelecimento Livro Verde dos serviços de impressão de cartões de visita e de casamento publicado no *Correio Paulistano*, 7/11/1869, p. 4. FBN.

Em 1871, a oficina estava instalada na Rua Direita, n. 30, quando anunciou uma nova mudança de endereço para o número 15 da mesma rua, onde havia funcionado a Typographia Allemã de Henrique Schroeder. A mudança, publicada no *Correio Paulistano* daquele mesmo ano, parece ter sido motivada pela aquisição de novas máquinas de impressão recém-chegadas da Europa, justificando a necessidade de um espaço físico mais adequado (Figura 23).

Mudança

O abaixo assignado previne a seus numerosos amigos e freguezes tanto da capital como do interior que mudou o seu estabelecimento

LIVRO VERDE

do n. 30 para o n. 15 na rua Direita, aonde servirá com promptidão, acção e modicidade em preços, visto acharem-se as officinas de novo montadas com habéis officiaes, e superiores machinas que acabam de chegar de Europa. Igualmente tem um completo sortimento de todos os artigos para escriptorio.

Jorge Seckler.

Ao Livro Verde

15 Rua Direita 15

S. Paulo 6-6

Figura 23 - Anúncio de mudança do estabelecimento Livro Verde no *Correio Paulistano*, 17 fev. 1871, p. 4. FBN.

Em 1882, a Jorge Seckler instalou suas oficinas na Rua 25 de Março, n. 2, mantendo, entretanto, um escritório de representação na Rua Direita, n. 15. Nesse mesmo ano, passou a anunciar o uso de máquinas a vapor, e deu início à impressão de uma longa série de almanaques comerciais, precedida por um “indicador”, publicado em 1878.

A Rua 25 de Março, inicialmente conhecida como Rua das Sete Voltas e depois Rua de Baixo, só recebeu a denominação atual em 28/11/1865, a partir de um ofício apresentado em sessão da Câmara Municipal e por iniciativa do vereador Malaquias Rogério de Salles Guerra, homenageando a data de criação da primeira constituição brasileira (Brasil, 1824). O ofício, que mencionava alterações em diversas outras ruas da cidade, descrevia a 25 de Março como rua que se estendia “até a projectada praça do mercado, e de ahi em diante até a ladeira do Carmo, do mercado”⁵⁹. O referido trecho indica que o início da rua estava posicionado no trecho mais próximo ao Parque da Luz (sentido norte), enquanto o fim da rua tinha como limite a ladeira do Convento do Carmo (sentido sul). Essa confirmação das posições inicial e final da rua forneceu indícios mais seguros sobre a localização do imóvel de número 2, mais próxima ao encontro com a Rua da Constituição (atual Florêncio de Abreu). Em 1883, a oficina de Jorge Seckler parece ter sido ampliada, pois passou a ocupar os números 38 e 40 da 25 de Março, onde permaneceu até 1890.

60. Disponível em: <https://is.gd/kgplZr>. Acesso em: 16 mar. 2024.

61. *Correio Paulistano*, 11 set. 1891, p. 2.

62. *Correio Paulistano*, 1 jul. 1893, p. 3.

63. Essa inversão é relatada por Barbuy (2006, p. 254).

Companhia Industrial de São Paulo

Empresa sucessora de Jorge Seckler, a Companhia Industrial de São Paulo investia em diferentes ramos da indústria e do comércio, indo além da produção gráfica, como a produção de algodão, carvão e fósforos. Sua seção tipográfica parece ter sido iniciada por volta de 1890, sob período republicano, identificando-se como sucessora de Jorge Seckler na folha de rosto do *Relatório da Directoria da Companhia Mogiana para a Assembléa Geral de 14 de Outubro de 1890*.⁶⁰ Em anúncio publicado no *Correio Paulistano* no mesmo ano, a empresa declarou estar prestes a ampliar sua tipografia, pois havia encomendado um novo maquinário destinado à produção de envelopes de papel (Figura 24). Um ano depois, anunciou a inauguração de uma máquina de impressão a duas cores que havia sido instalada por Frederico Roedder.⁶¹



Figura 24 - Anúncio da Companhia Industrial de São Paulo. *Correio Paulistano*, 13 nov. 1890, p. 2. FBN.

Apenas três anos depois, publicou um anúncio oferecendo diversos serviços ligados ao setor gráfico: tipografia, estereotipia, fabricação de livros em branco, encadernação, pautação, confecção de carimbos de borracha, e uma seção de papeleria onde eram oferecidos artigos para escritório, desenho e presentes. Além disso, trabalhava com importação de produtos direto da Europa e dos Estados Unidos.⁶²

O desenvolvimento da Companhia Industrial de S. Paulo parece ter sido rápido, em consonância com o período de desenvolvimento efervescente da cidade nos anos que antecederam a chegada do século XX.

Os endereços que ocupou correspondem aos mesmos endereços da antiga Typographia A Vapor de Jorge Seckler, com escritório na Rua Direita, n. 14 (que, antes da inversão dos lados par e ímpar da Rua Direita ocorrida em 1886,⁶³ correspondia ao número 15), entre as igrejas da Sé e de Santo Antônio, e próximo ao Tribunal de Justiça e à Academia de Direito. A oficina manteve-se na Rua 25 de Março ocupando os números 38 e 42 até 1902 quando foi sucedida pela Duprat & C.

Typographia Hennies Irmãos

A centenária Typographia Hennies Irmãos iniciou suas atividades em 1891, por iniciativa dos imigrantes alemães Heinrich Hennies e Theodor Hennies com a participação do sócio Helmut Schulz, sob a nomenclatura “Typographia de Hennies, Schulz & Cia.”. Seu primeiro endereço foi o número 48 da Rua dos Imigrantes (atual José Paulino), no bairro do Bom Retiro.⁶⁴ Das oficinas analisadas, é a única que iniciou suas atividades em um bairro considerado, à época, afastado do centro. Segundo Hilário Dertônio,⁶⁵ o loteamento do bairro do Bom Retiro teve início na década de 1880, período em que passaram a se fixar imigrantes europeus e a se instalar fábricas como a Anhaia e a Cervejaria Germânia, muito em função da inauguração da Estrada de Ferro em 1867, que, aos poucos, foi contribuindo para a formação de um bairro operário (Dertônio, 1971, p. 12-13).

A Hennies Irmãos teve sua nomenclatura alterada em 1892 para Typographia Hennies & Winiger, em virtude da sociedade com o imigrante suíço José Winiger e, em 1893, passou a se chamar Hennies & Irmãos, tendo Heinrich e Theodor Hennies como únicos proprietários.⁶⁶ Mudou de endereço em 1892, para a Rua da Caixa D’Água (atual Barão de Paranapiacaba) n. 1C,⁶⁷ estabelecendo-se durante um curto período em 1893 na Rua da Esperança (atual Praça da Sé), possivelmente concomitantemente, permanecendo à Rua da Caixa D’Água até 1905. Passou a anunciar o uso de máquinas a vapor em sua nomenclatura, Typographia A Vapor Hennies Irmãos, em 1895. A mudança para a região central parece ter favorecido o crescimento da empresa, que terminou por se estabelecer na Rua Riachuelo, em um edifício próprio e de maior porte, passando a ocupar dois lotes da rua (números 14 e 16 – alterados em 1934 para números 86 e 90, atuais números 90 e 78). A comparação entre a foto da fachada da Typographia Hennies Irmãos, por volta de 1925,⁶⁸ com o mesmo trecho atual da rua, possibilitou identificar a localização exata da oficina, próxima à Paróquia de São Francisco e à Academia de Direito (Figura 25).



Figura 25 - Imagem da fachada da Typographia Hennies Irmãos (por volta de 1925) e imagem da Rua Riachuelo, 2024. Acervo pessoal da família Hennies e fotografia dos autores.

64. Disponível em: <https://labvisual.fau.usp.br/tipografiapaulistana/empresa/93>. Acesso em: 12 ago. 2024.

65. Dertônio (1971).

66. Dertônio (1971).

67. A localização foi identificada em impressos mencionando os números 1-D, 1-E e 1-F em alguns momentos.

68. Estima-se que a fachada tenha sido fotografada após 1925, quando a oficina mudou sua nomenclatura para Typographia Hennies Irmãos & Cia. devido à alteração do contrato social com a inclusão do terceiro sócio, Heinz C. Hennies, e antes de 1934, quando então mudaram a razão para Hennies & Cia., em razão do falecimento do Theodor Hennies e outras mudanças na composição societária da empresa. Disponível em: <https://labvisual.fau.usp.br/tipografiapaulistana/empresa/93>. Acesso em: 12 ago. 2024.

69. Disponível em: <https://labvisual.fau.usp.br/tipografiapaulistana/empresa/93>. Acesso em: 12 ago. 2024.

70. Disponível em: <https://labvisual.fau.usp.br/tipografiapaulistana/empresa/93>. Acesso em: 12 ago. 2024.

71. Disponível em: <https://is.gd/Jy9Qb2>. Acesso em: 16 mar. 2024.

72. Edição facsimilar do AHMSP.

73. *Correio Paulistano*, 6 jun. 1902, p. 4.

Relatos do último proprietário, Waldemar Hennies, e o exame de fotografias da parte interna da oficina indicam que os setores de impressão e encadernação funcionavam no térreo, a composição tipográfica no segundo andar e o setor de acabamentos no terceiro andar, com o transporte de materiais realizado por meio de um elevador manual.⁶⁹

Imprimiram durante décadas para a comunidade alemã em São Paulo, além de terem produzido impressos para outras comunidades de imigrantes, como italianos, portugueses, letos, suíços e árabes. Tinham como clientes fiéis a Academia de Direito e seus frequentadores, além de produzirem impressos para o setor público nas primeiras décadas de atividade. Entre os periódicos produzidos, destacam-se *A Escola Publica*, *Libdumneeks*, *Il Lavoro*, *Album Imperial*, *Chácaras e Quintaes* e *O Oriente*.⁷⁰

Typographia do Diario Official

A Typographia do Diario Official, inicialmente denominada Typographia do Estado, teve seu início estabelecido pelo Decreto n. 162, de 28 de abril de 1891,⁷¹ no contexto das novas publicações oficiais requeridas pelo recém-instaurado regime republicano. A primeira edição do *Diario Official* foi publicada em 1 de maio de 1891, quando a oficina ainda funcionava nos fundos da antiga Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, no Largo 7 de Setembro, com maquinário adquirido do extinto jornal *A Redenção* (Maranhão, 1994, p. 47).

A primeira mudança de endereço só ocorreu quatro anos depois, em paralelo à aquisição de maquinário encomendado da Europa, sob a direção de Horácio de Carvalho (Maranhão, 1994, p. 23). A oficina se estabeleceu então na Rua do Quartel (atual 11 de Agosto), onde permaneceu até o fim da década de 1920. Na *Planta da cidade de São Paulo* editada por Hugo Bonvicini, 1895,⁷² a Typographia do Diario Official aparece indicada no mesmo local onde também funcionava, no mesmo período, o Tribunal do Jury (ver Figura 9).

Duprat & C.

Em 1902, a Duprat & C., que se tornaria uma importante oficina tipográfica e litográfica, sucedeu à Companhia Industrial de S. Paulo. Teve como proprietário Raymundo Duprat, que se tornaria, a partir de 1911, prefeito da cidade de São Paulo em substituição à gestão de Antônio Prado.

Os primeiros endereços do escritório da empresa foram na Rua Direita, coincidindo inicialmente com aquele da Companhia Industrial de S. Paulo. Entretanto, em um único anúncio de 1902,⁷³ a empresa afirmava possuir também

uma casa filial na então distante Rua Rangel Pestana (atual Avenida Rangel Pestana), n. 201, no bairro do Brás, próximo às imediações do antigo Mercado do Largo da Concórdia e da Igreja do Brás (atual Igreja do Bom Jesus).

Na Rua Direita, o escritório ocupou três numerações distintas. Primeiro, o n. 14 (Figura 26, à esquerda, em primeiro plano), em prédio que seria demolido, em 1909, para dar espaço a uma edificação de Max Hehl;⁷⁴ depois, no n. 26, mais próximo à Igreja de Santo Antônio; e, por fim, em 1915, no n. 8, defronte à Rua José Bonifácio (antiga do Ouvidor), e mais próximo à Igreja da Sé (Figura 26, à direita, em primeiro plano), período em que adotou o nome comercial “Casa Duprat”.⁷⁵ O escritório deixou a Rua Direita no ano seguinte, em 1916, e se fixou na vizinha Rua de São Bento n. 21.

74. Barbuy (2006, p. 273).

75. Por um breve momento de transição, em 1915, a empresa se chamou “Companhia Graphica Paulista Casa Duprat”, tornando-se Casa Duprat por volta de 1916, nome que se manteve até o fim da década de 1920, quando assumiu a sociedade Casa Duprat & Casa Mayença.



Figura 26 - À esquerda, Rua Direita, n. 14, no sentido Viaduto do Chá. Frédéric Manuel, 1906. *Brasiliana Fotográfica – Biblioteca Nacional*. À direita, Rua Direita, n. 8, no sentido Largo da Sé, Aurélio Becherini, c. 1915. MCSP.

No que diz respeito à localização da oficina, a Duprat & C. mantinha um prédio na Rua 25 de Março, esquina com a Rua Carlos de Sousa Nazaré. Não é possível, porém, afirmar que o endereço corresponda ao da oficina de Jorge Seckler, que também se estabeleceu na Rua 25 de Março poucos anos antes de ser sucedida pela Companhia Industrial de São Paulo. Esta, por sua vez, não menciona o endereço de sua oficina, mas apenas o de seu escritório (na Rua Direita e, posteriormente, na Rua 15 de Novembro).

O prédio da oficina da Duprat & Cia. na Rua 25 de Março aparece em duas fotografias (Figura 27).



Figura 27 - Vista da Ladeira da 25 de Março em direção à Várzea do Carmo, onde seria aberta a Rua Carlos de Sousa Nazaré. Fotógrafo desconhecido, c. 1912-1916. MCSP; vista para a Várzea de Santa Rosa, onde se vê o fundo da oficina, cuja entrada era na Rua 25 de Março. Aurélio Becherini, 1918. MCSP.

Tanto o escritório na Rua Direita quanto a oficina na 25 de Março foram retratados no cabeçalho de um papel timbrado da Duprat & C., impresso em litografia em 1913, que buscava destacar a imponência do estabelecimento (Figura 28).



Figura 28 - Detalhe do topo de papel timbrado da Duprat & C., 1913, com representação da fachada do escritório à esquerda e do edifício da oficina destacado ao centro. *Álbum Papelerias de São Paulo: Rótulos, s.d. Apesp.*

Em 1920, a mesma gravura (com poucas modificações) foi reutilizada em um novo papel timbrado, contendo a denominação “Casa Duprat” (Figura 29).



Figura 29 - Detalhe do topo de papel timbrado da então Casa Duprat, 1920. *Álbum Papelerias de São Paulo: Rótulos, s.d. Apesp.*

As duas gravuras enaltecem o edifício da oficina, destacando-o na paisagem da região que era, então, de várzea, isto é, sujeita a enchentes e que levantava debates sobre questões higiênicas locais. A região somente veio a sofrer intervenções urbanísticas com o projeto do Parque Dom Pedro II, entregue em 1922. Isso demonstra que a oficina tipográfica de Raymundo Duprat, prefeito da cidade entre 1911 e 1914, projetava-se para o futuro da região, utilizando-se da gravura para representar uma idealização do espaço público ainda a ser construído. As duas gravuras informam que a Duprat teria sido fundada em 1850, provável data de fundação da oficina de encadernação de Hermann Knoesel, de quem eram sucessores em terceiro grau.

CONCLUSÕES

A dinâmica de mudanças de endereço das oficinas tipográficas na região central da cidade de São Paulo se mostrou influenciada diretamente por intervenções urbanísticas e inovações tecnológicas da indústria gráfica. O deslocamento de oficinas quase sempre esteve relacionado com a aquisição de novos maquinários de impressão que, provavelmente, requeriam espaços maiores e mais adequados.

As constantes mudanças de endereço apontam para períodos de instabilidade, normalmente quando as oficinas ainda estavam se estabelecendo em seus primeiros anos de funcionamento – possivelmente em imóveis alugados – ou em períodos de mudanças societárias.

As relações com o entorno apontam para clientes diversificados, de órgãos oficiais, como o Tribunal do Jury, até instituições culturais, como o antigo Teatro São José. Uma relação observada é a proximidade com igrejas, que provavelmente requisitavam livros em branco para suas atividades eclesiais. Pesquisas que relacionem diretamente os endereços das oficinas tipográficas com os endereços de seus respectivos clientes podem fornecer novos subsídios para futuros estudos.

O movimento de distribuição das oficinas tipográficas nas ruas de São Paulo foi aqui identificado e descrito ao particularizar apenas o caso de oito oficinas representativas de um período de crescente expansão do setor tipográfico. Durante a primeira década de impressão com tipos móveis (1827-1837), São Paulo contava com apenas três oficinas ativas, chegando a mais de cem na virada do século XIX para o século XX. A contração no número de empresas no início do século XX é um indício de possíveis fusões e alterações no modo de prestação de serviços de impressão — provavelmente, dominado por um número menor de empresas de maior porte, hipótese a ser melhor investigada em pesquisas futuras. Diversas outras oficinas tipográficas tiveram significativa importância para a his-

76. São exemplos: *Typographia Dous de Dezembro*; *Typographia Patriotica*; Riedel & Lemmi; Baruel, Pauperio & C.; *Typographia da Casa Garraux*; Vanorden & C.; *Typographia da Fanfula*; Weiszflog Irmãos; Pocai & Weiss, entre outras.

77. Disponível em: www.fau.usp.br/tipografiapaulistana/empresas/mapa. Acesso em: 16 mar. 2024.

tória do setor gráfico e do desenvolvimento industrial da cidade de São Paulo, e merecem a atenção de estudos posteriores.⁷⁶

Cabe ressaltar o uso da cartografia como contribuição metodológica para os estudos de cultura material que envolvem o espaço urbano construído. O detalhamento da localização das oficinas na malha urbana e suas relações comerciais com o entorno é outra importante contribuição, especialmente para os estudos de cultura da impressão e da história do design brasileiro, campos ainda repletos de lacunas. Dados georreferenciados que se encontram disponíveis na plataforma *Tipografia Paulistana*⁷⁷ puderam ser revisados e atualizados, ampliando o entendimento sobre a participação das oficinas tipográficas na formação de uma paisagem industrial paulistana.

Futuros desdobramentos devem incluir análises tanto da movimentação dessas oficinas no ambiente urbano entre os anos 1930 e 1950 quanto da migração desses estabelecimentos para regiões afastadas do centro, movimento que se intensificou a partir do início do século XX e promoveu a formação de regiões industriais da cidade.

AGRADECIMENTOS

Pesquisa apoiada por bolsa de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processos n° 2018/03383-1 e Bepe processo n° 2021/10314-9; bolsas de pós-doutorado, processos n° 2019/07566-6 e Bepe processo n° 2021/10507-1 e por bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processos n° 304361/2019-4 e n° 308862/2022-8.

SOBRE OS AUTORES

Fabio Mariano Cruz Pereira

Doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e pela Università IUAV di Venezia, mestre em Design pelo Centro Universitário Senac de São Paulo e bacharel em Design com Habilitação em Comunicação Visual pela Universidade Salvador. Desenvolve atividades de curadoria como pesquisador de pós-doutorado no Museu Paulista da Universidade de São Paulo. E-mail: fabiomcpereira@gmail.com.

Jade Samara Piaia

Professora vinculada ao Departamento de Design e ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. E-mail: jade.piaia@unesp.br.

Priscila Farias

Designer, professora associada da FAU-USP e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, coordena o Laboratório de Pesquisa em Design Visual (LabVisual). Atua como professora e pesquisadora visitante junto a instituições internacionais, como a University of the Arts London, University of Brighton e Università IUAV di Venezia. E-mail: prifarias@usp.br.

REFERÊNCIAS

Fontes impressas

ALMANAK HISTORICO-LITTERARIO DO ESTADO DE SÃO PAULO, p. 400, 1896. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/hPmCiD>. Acesso em: 16 mar. 2024.

ALMANACH ADMINISTRATIVO, INDUSTRIAL E COMMERCIAL DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO PARA 1887, São Paulo, p. 212, 1886.

A PHENIX, p. 4, 30 maio 1838. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/h2ReSF>. Acesso em: 16 jan. 2024.

BRASIL. [Constituição (1824)]. *Carta de Lei de 25 de março de 1824. Constituição Política do Imperio do Brazil*. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: <https://is.gd/QBt72n>. Acesso em: 16 mar. 2024.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *Declarações de nome, lugar, rua e casa em que foram estabelecidas oficinas de impressão, litografia ou gravura, em conformidade com o Art. 303 do Capítulo 8 do Código Criminal do Imperio do Brazil*. Documento arquivístico, fundo Câmara. São Paulo: Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, 1831.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *Resolução n. 62, de 31 de maio de 1875*, que manda publicar e executar o Código de Posturas da Câmara Municipal da Imperial Cidade de S. Paulo. São Paulo: Câmara Municipal, 1875.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *Atas da sessão do dia 28 de novembro de 1865*. Atas da Câmara Municipal de São Paulo, p. 306. São Paulo: Câmara Municipal, 1865.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *Código de posturas de 6 de outubro de 1886*. Disponível em: <https://is.gd/nykp3D>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CORREIO PAULISTANO, p. 4, 30 set. 1858. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/yc3d7O>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CORREIO PAULISTANO, p. 4, 5 mar. 1863. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/8rc8w4>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CORREIO PAULISTANO, p. 4, 7 nov. 1869. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/RTEt3l>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CORREIO PAULISTANO, p. 3, 20 jun. 1876. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/RqoTkB>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CORREIO PAULISTANO, 3, 13 dez. 1894. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/RiRoIr>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CORREIO PAULISTANO, p. 3, 17 dez. 1905. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/SJPXKj>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CORREIO PAULISTANO, p. 7, 2 out. 1913. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/UxKkRQ>. Acesso em: 16 jan. 2024.

JORNAL DA TARDE, p. 3, 15 jul. 1880. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/iA3l9g>. Acesso em: 16 jan. 2024.

O COMBATE: INDEPENDÊNCIA, VERDADE, JUSTIÇA, p. 5, 23 fev. 1927. Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://is.gd/hcE9Y9>. Acesso em: 16 jan. 2024.

Livros, artigos e teses

AMADO, Marina Rodrigues. *Teatros em São Paulo (1890-1911): cultura, arquitetura e cidade a partir de fontes primárias*. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

AMARAL, A. Barreto do. O Farol Paulistano e a liberdade de imprensa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v. 73, p. 364-372, 1977.

BARBUY, Heloisa. *A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: Edusp, 2006.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Os primeiros almanaques de São Paulo*. São Paulo: Imesp/Daesp, 1983.

CAMPOS, Eudes. São Paulo antigo: plantas da cidade. *Informativo do Arquivo Histórico Municipal*, São Paulo, v. 4, n. 20, p. 1-3, 2008.

CARDOSO, Rafael Denis. As origens históricas do designer: algumas considerações iniciais. *Estudos em Design*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 59-72, 1996.

CESARINO, Gabriela Krantz; CALDANA JUNIOR, Valter Luiz. Adaptação e resiliência do espaço comercial de rua: a 25 de Março. *Rua*, Campinas, v. 23, n. 1, p. 117-139, 2017. DOI: 10.20396/rua.v23i1.8649801.

DEAECTO, Marisa Midori. *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo: Edusp, 2011.

DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, 1971 (História dos Bairros de São Paulo, v. 9).

FARIAS, Priscila Lena; ARAGÃO, Isabella R.; CUNHA LIMA, Edna L. Unraveling aspects of Brazilian design history through the study of 19th century almanacs and type specimens. In: *Design Research Society International Conference Proceedings*. Bangkok: Chulalongkorn University, 2012. p. 498-511.

FARIAS, Priscila L.; HANNS, Daniela K.; DIXON, Catherine. Spatializing design history: Considerations on the use of maps for studies on print culture. In: Wong, W. S.; Kikuchi, Y. & Lin, T. (eds.). *Proceedings of ICDHS 2016: Making Trans/National Contemporary Design History*, Taipei [Blucher Design Proceedings, v. 8, n. 2], p. 348-353. São Paulo: Blucher, 2016. DOI: 10.5151/desproicdhs2016-04_009.

FERLA, Luis *et al.* Pauliceia 2.0: mapeamento colaborativo da história de São Paulo, 1870-1940. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1207-1223, 2020.

FREITAS, Affonso A. de. *A imprensa periódica de São Paulo desde seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typ. do Diário Oficial, 1915.

FREITAS, Affonso A. de. O primeiro centenário da fundação da imprensa paulista: conferência realizada a 7 de fevereiro de 1927. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v. 25, p. 7-42, 1928.

- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005.
- IPANEMA, Cybelle de. *A tipografia em São Paulo: contribuição à história de suas origens*. São Paulo: Com-Arte, 2008.
- IUMATTI, Paulo T. *Arte e trabalho: aspectos da produção do livro em São Paulo (1914-1945)*. São Paulo: Hucitec, 2016.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- LITTLE, Barbara J. Explicit and implicit meanings in material culture and print culture. *Historical Archaeology*, v. 26, n. 3, p. 85-94, 1992. DOI: 10.1007/BF03373544.
- MARANHÃO, Ricardo (ed.). *Um retrato no jornal: a história de São Paulo na Imprensa Oficial (1891-1994)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, 2008.
- MARTINS, Fernanda de Oliveira. *Impresso no Pará: 1820-1910: a memória gráfica como composição do espírito de época*. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. *Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- OLIVEIRA, Maria Coleta. Os almanaques de São Paulo como fonte para pesquisa. In: MEYER, Marlyse (ed.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 23-24.
- PEREIRA, Fabio Mariano Cruz; FARIAS, Priscila Lena. Information, typography and persuasion in Brazilian late 19th and early 20th century ephemera. *Information Design Journal*, vol. 25, n. 2, p. 171-191, 2019.
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de. Política e poder público na cidade de São Paulo: 1889-1954. In: PORTA, Paula (ed.). *A cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 15-51. (História da Cidade de São Paulo, v. 3).
- RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- SEGAWA, Hugo. São Paulo, veios e fluxos: 1872-1954. In: PORTA, Paula (ed.). *A cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 341-385. (História da Cidade de São Paulo, v. 3).

SEMERARO, Claudia M.; AYROSA, Christiane. *História da tipografia no Brasil*. São Paulo: MASP, 1979.

TWYMAN, Michael. *A directory of London lithographic printers, 1800-1850*. London: Printing Historical Society, 1976.

VITORINO, Artur José Renda. *Máquinas e operários: mudança técnica e sindicalismo gráfico, São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912*. São Paulo: Annablume, 2000.

Sites

BRASIL. Fundação Biblioteca Nacional. *Hemeroteca digital brasileira*. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 8 nov. 2024.

HISTORICAL ATLAS OF CANADA. *The printed word, 1752-1900*. Disponível em: <https://bit.ly/4eZ1AM1>. Acesso em: 8 nov. 2024.

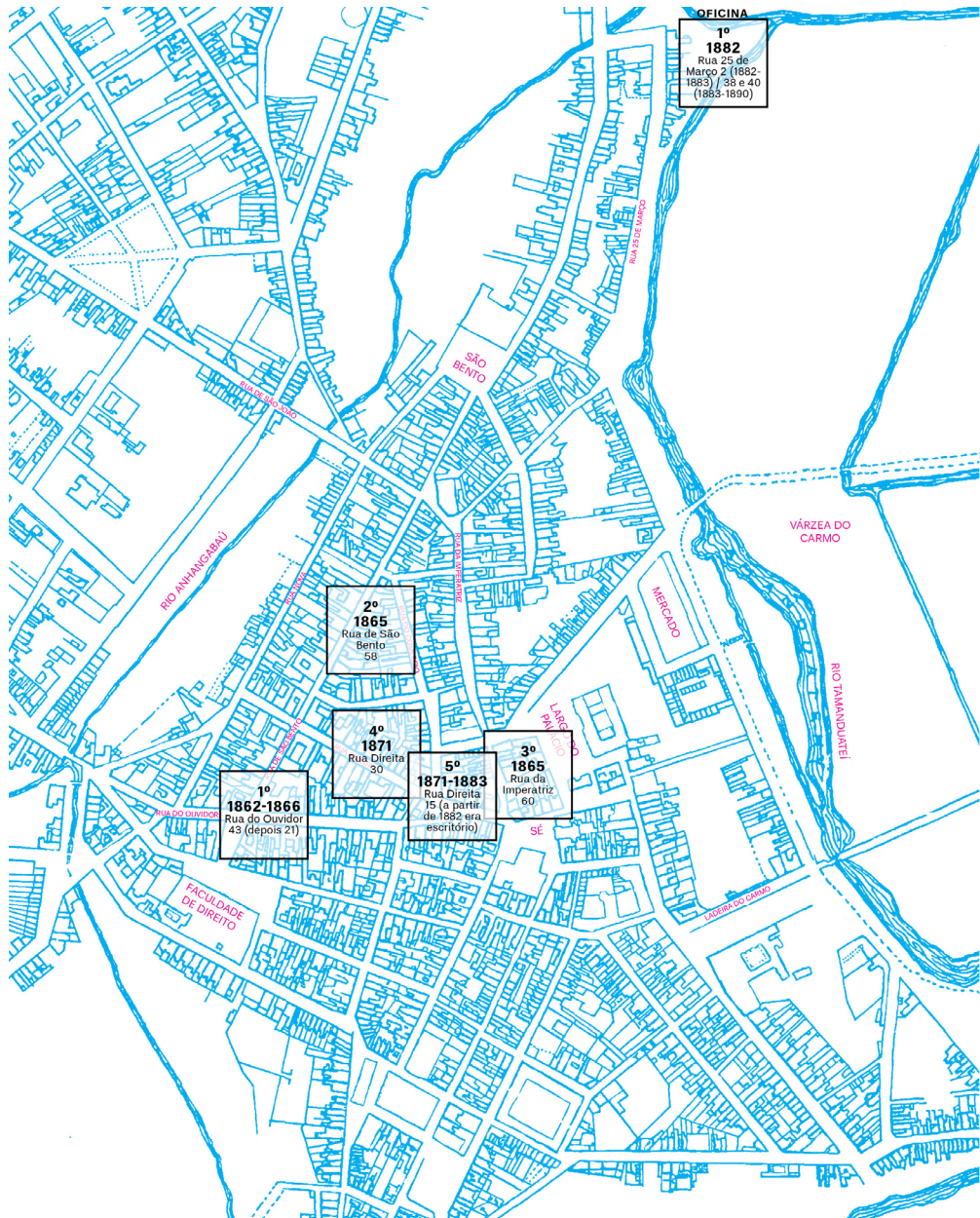
LABORATÓRIO DE PESQUISA EM DESIGN VISUAL DA FAU-USP. Tipografia paulistana. Disponível em: <https://labvisual.fau.usp.br/tipografiapaulistana/>. Acesso em: 8 nov. 2024.

SÃO PAULO. *Dicionário de ruas*. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 8 nov. 2024.

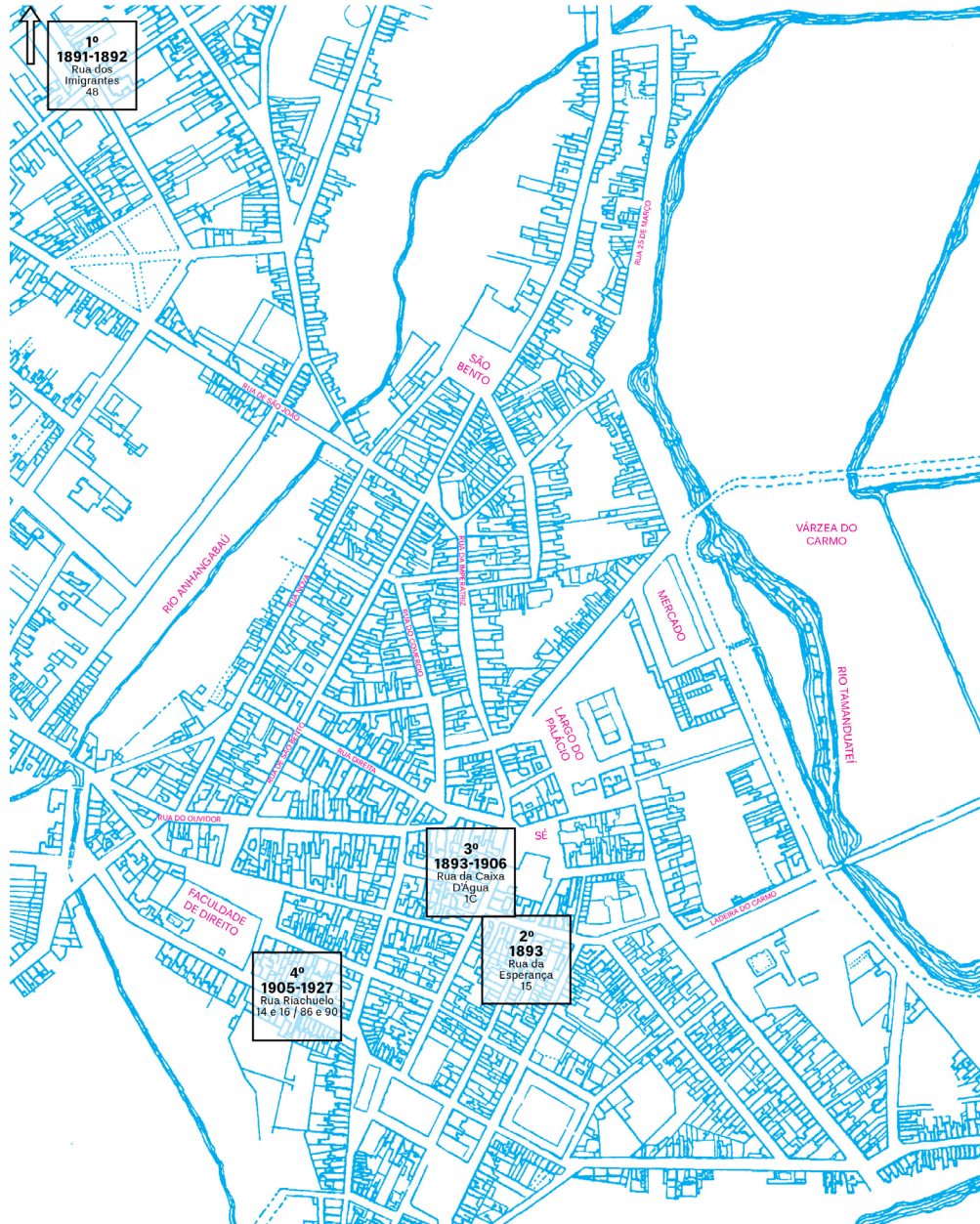
SÃO PAULO. *Mapa digital da cidade de São Paulo*. Disponível em: <https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: 8 nov. 2024.

THE ATLAS of early printing. Disponível em: <http://atlas.lib.uiowa.edu/>. Acesso em: 8 nov. 2024.

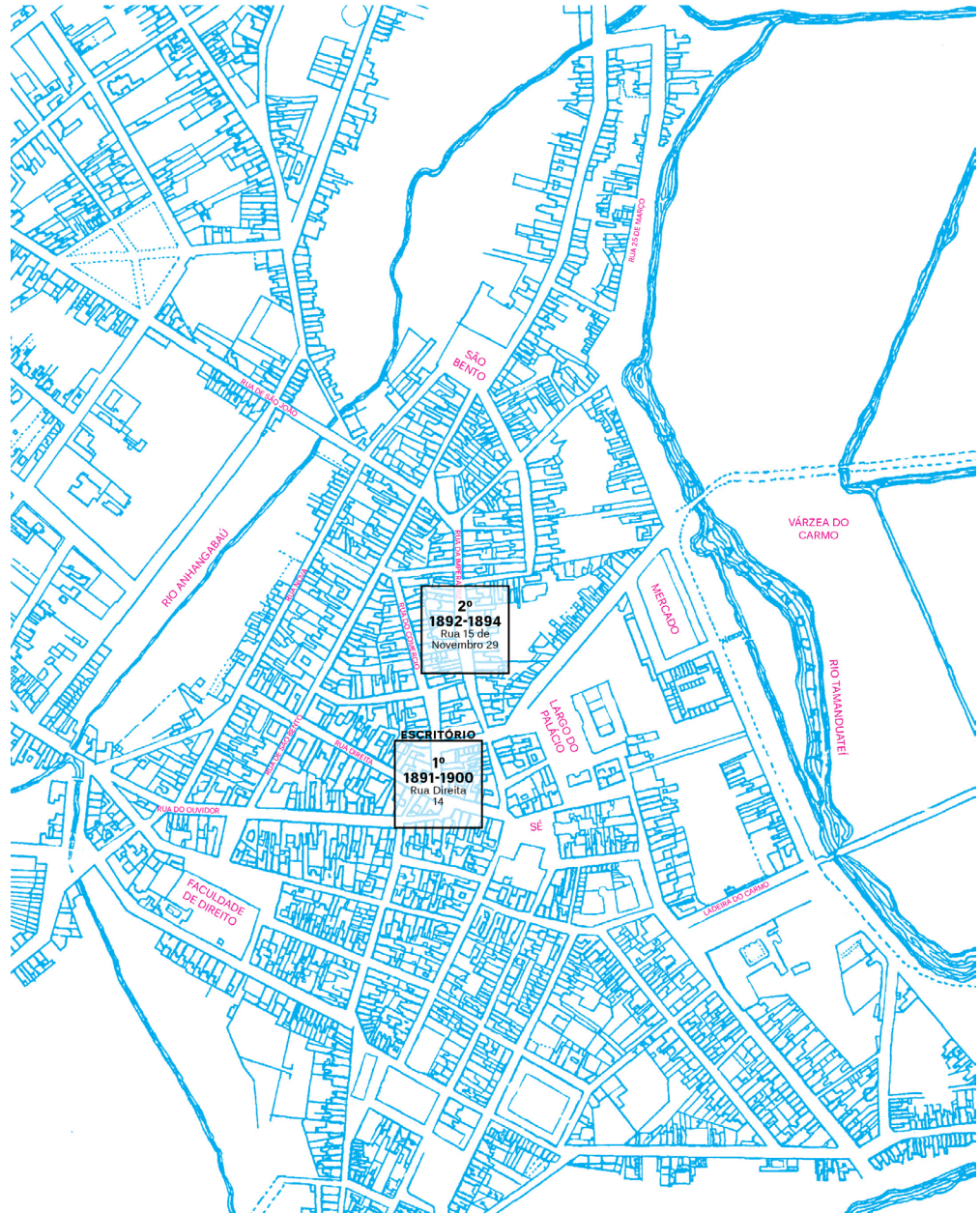
Typographia de Jorge Seckler



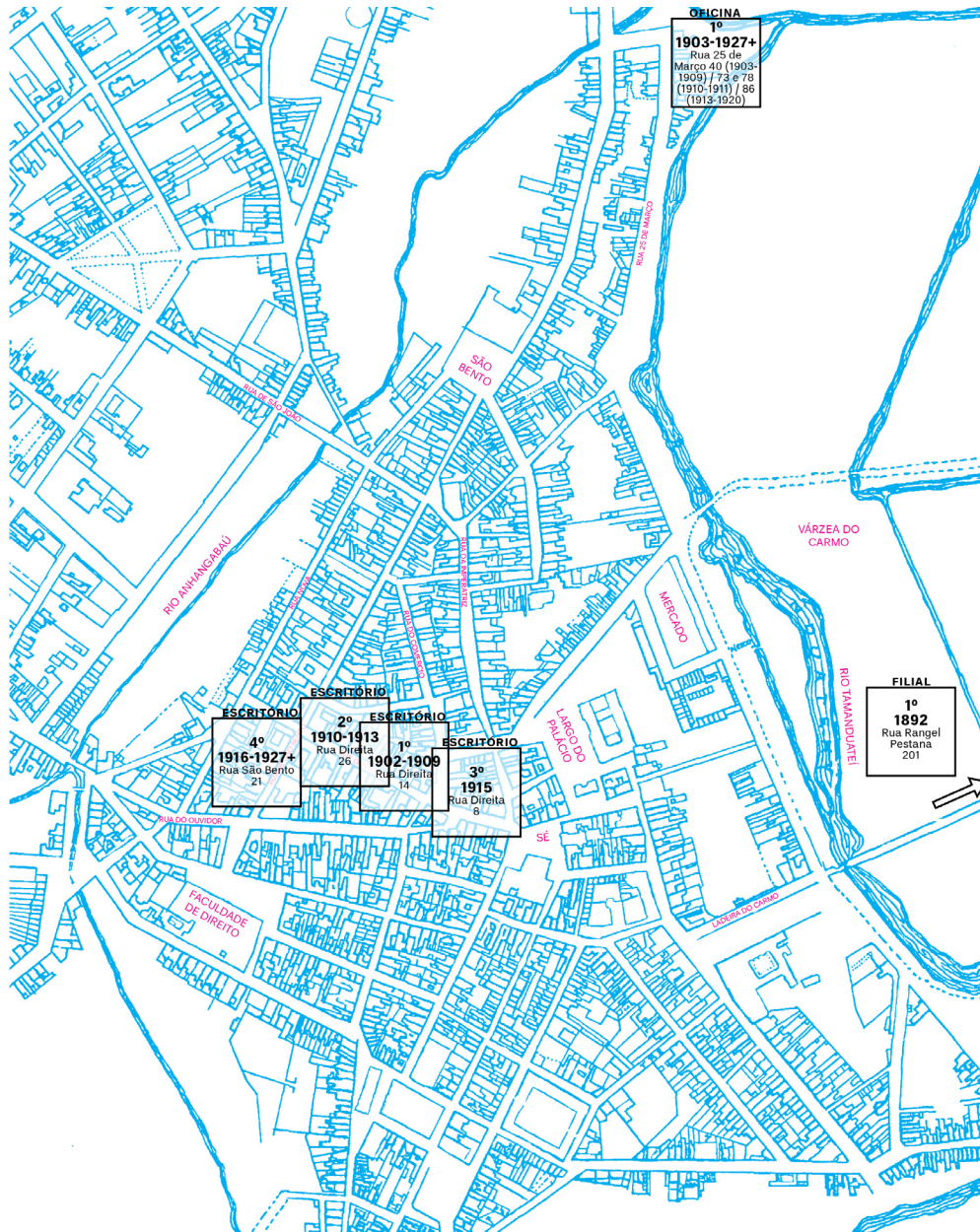
Typographia Hennies & Irmãos



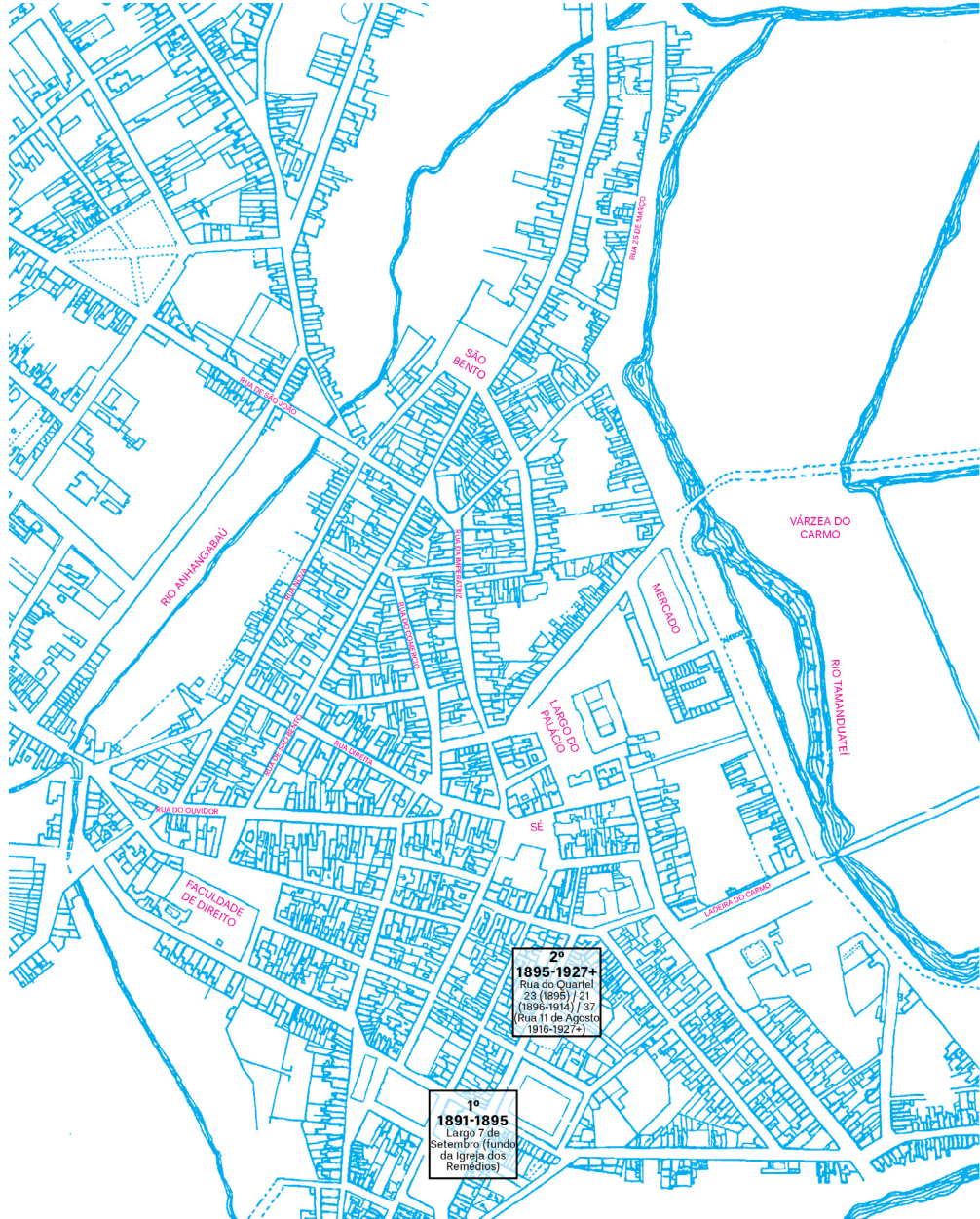
Companhia Industrial de São Paulo



Duprat & Cia.



Typographia do Diário Oficial



Artigo apresentado em: 18/03/2024. Aprovado em: 02/07/2024.



All the contents of this journal, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution License